

«Ora, para aquele que está entre os vivos há esperança...»

(Eclesiastes 9:4)

# Eclesiastes

**Boletim Trimestral**

Vocacionado para a Doutrina

e Devoção Espiritual

Responsabilidade:

Igreja em Oleiros.

É gratuito.

**Número 14. 01-03/2000**

**Palavras do Pregador...** (Eclesiastes 1:1)

## O Perigo eminente de lares desfeitos, a título da “Obra do Senhor”

«*Não temos nós direito a  
levar uma mulher irmã,  
como também os demais  
apóstolos, e os irmãos do  
Senhor, e Cefas?»* (I Cor.

9:5) *(Paulo falava dos seus  
colaboradores que eram casados).*

«*Irmãos, cada um fique  
diante de Deus no estado em  
que foi chamado.*» (I Cor.  
7:24).

«*Aquilo que Deus juntou,  
não o separe o homem...*»  
(Mateus 19:9).

Com a desculpa da “obra  
do Senhor”, muitos  
casais cristãos com  
responsabilidade na  
“Obra”, estão a descorar  
as suas  
responsabilidades  
familiares, com  
relacionamentos  
conjugais que “deixam a  
desejar”, sendo o reflexo  
mais directo disso o  
eminente  
desmoronamento dos  
seus lares!

**Algumas reflexões!**

Página Feminina, 12.

«*E, como aconteceu  
nos dias de Noé, assim  
será também nos dias  
do Filho do homem.*»  
(Luc. 17:26)

Do dilúvio só se salvaram oito  
pessoas! E quantas é que viviam  
na altura? Tudo aponta para que  
vivessem naquele tempo muitos  
milhões de pessoas...  
mas, mesmo assim,  
só oito é que escaparam!

«*Quando porém vier o  
Filho do homem,  
porventura achará fé  
na terra?* » (Luc. 18:8)

Página Devocional, 6.

«Setenta semanas estão  
determinadas sobre o teu  
povo, e sobre a tua santa  
cidade, para cessar a  
transgressão, e para dar  
fim aos pecados, e para  
expiar a iniquidade, e  
trazer a justiça eterna, e  
selar a visão e a profecia,  
e para ungir o Santíssimo.»

**AS  
SETENTA SEMANAS DE  
DANIEL  
«490 ANOS»**

Página Científica, 14.

Deus determinou 490 anos,  
a contar a partir do Edito do  
Rei Artaxerxes, em  
resposta ao pedido de  
Neemias, para que o Reino  
Milenial fosse estabelecido.  
No entanto, esta profecia  
ficou suspensa na 69.<sup>a</sup>  
Semana, com a morte do  
Messias... Saibamos as  
razões desta suspensão!

Neste Número:	Neste Número:
♦ Editorial – "Eclesiastes", 2;	♦ Página Feminina, 12;
♦ Página de Genéricos, 4;	♦ Página Científica, 14;
♦ Página Devocional, 6;	♦ Página Literária, 17;

## Editorial

### Eclesiastes

*"Eu, o pregador, fui rei sobre Israel, em Jerusalém..."*  
(Eclesiastes 1:12).



### Nos Limites da Esperança

*«Ora, para aquele que está entre os vivos há esperança...»*

(Eclesiastes 9:4)

Há dois ditados populares que reflectem as duas mentalidades que imperam no mundo, quanto à esperança: uma negativa e outra positiva; e elas são:

*«Quem espera, desespera!» e «quem espera, sempre alcança!».*

O crente sabe que a esperança é parte integrante da sua nova vida em Cristo, sendo um dos sinais da sua fé (I Cor. 13:13; I Tes. 1:3), pois em esperança somos salvos (Rom. 8:24), relativamente à redenção do corpo,

uma vez que a esfera espiritual da nossa vida já está salva (Idem, 8:1-17). Quanto à parte corporal o Espírito Santo ajuda-nos nas nossas fraquezas, até ao dia da redenção (Idem, 8:26-28).

No entanto, e de encontro com o ditado popular, que reflecte bem o que vai na nossa vida humana, qualquer espera é dolorosa: seja a espera de dias, meses, anos, gerações, uma vida, séculos ou milénios; e, pode ser desesperante, ao ponto de conduzir esta ao descrédito. Mas, se a nossa esperança se baseia na Palavra de Deus, nós vemos os factos como reais, à distância, só esperamos que eles se aproximem e cheguem até nós (Heb. 11:1). O tempo de espera é só uma forma que Deus usa para nos provar, como Paulo disse: *«e a tribulação produz a esperança; e a esperança não trás confusão...»* (Rom. 5:4-5), ou seja, a prova leva-nos à esperança, que não nos faz desanimar, mas perseverar.

Noé teve de esperar sete dias, dentro da Arca, fechada por Deus, e sujeito a ouvir o escárnio dos incrédulos, até que chovesse... e se cumprisse a Palavra de Deus (Gén. 7:9-10).

Israel teve de esperar sete dias, rodeando a cidade de Jericó e os seus muros, para que eles ruíssem e conquistassem a cidade (Jos. 6).

Os Apóstolos e os discípulos tiveram de esperar quarenta dias para que a promessa do Espírito Santo se cumprisse neles (Actos 2).

Ester teve de esperar doze meses para se apresentar diante do Rei Assuero (Ester 2:12).

Vinte anos Isaque e Rebeca tiveram de esperar para ter os seus dois filhos, Esaú e Jacob (Gén. 25:19-26).

O povo de Israel esperou quarenta anos para entrar na terra de Canã (Deu. 8:2).

Simeão e Ana esperaram uma vida para ver o Salvador (Luc. 2:25-38).

O remanescente de Israel esperou cerca de setecentos anos para ver cumpridas as palavras de Isaías 9:5, que diz, *«porque um menino nos nasceu e um filho se nos deu; (...) Seu nome será Maravilhoso...»*.

Mas, quando esperamos milénios...

A esperança da vinda do nosso Senhor Jesus Cristo para nos levar para a Sua presença já dura 2 milénios, ou 20 séculos, ou 2.000 anos, 24.000 meses, ou 104.000 semanas, 730.500 dias, ou 17.532.000 horas! É uma espera aparentemente extenuante. E, como não há sinais da sua vinda, porque «será num abrir e fechar de olhos» (I Tes. 4), é imperioso que nos encontremos sempre de sobreaviso.

*«A noite é passada, e o dia é chegado...»* e a *«nossa salvação está, agora, mais perto de nós do que quando aceitamos a fé»* (Rom. 13:12-11). Não, somos nós que estamos mais perto da salvação, mas ela é que está mais perto de nós... é a Graça de

Deus manifestada no dia de nosso Senhor Jesus Cristo.

Paulo, quando recebeu esta revelação da vinda do Senhor, passou a viver logo nessa expectativa. A sua linguagem é de alguém que esperava a vinda do Senhor Jesus Cristo para arrebatá-la a Sua Igreja já em seus dias (I Tes. 4:17). Mas, como os anos foram passando, e se multiplicaram os séculos, e vieram os milénios, se têm levantado muitas contestações às promessas de Deus em relação à vinda do Senhor, *«e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação.»* (II Ped. 3:4).

No entanto, Pedro, dá duas razões para esta demora: **(1)** Deus não conta o tempo como nós contamos: «um dia nosso é como mil anos para Deus; e mil anos como um dia» (v. 8); Por outro lado **(2)** a demora deve-se à suspensão do Programa Profético de Deus para o mundo, no momento da aplicação dos seus juízos, com a introdução da “Dispensação da Graça”, *«conforme a sabedoria revelada a Paulo»*. E diz, ainda: *«É longânimo, não querendo que alguns se percam, mas que todos venham ao arrependimento»* (9, 15-16).

Entretanto, resta-nos «alegar na esperança» (Rom. 12:12), e festejar a nossa salvação, juntos na mesa do Senhor, celebrando a Sua Ceia, até que Ele venha» (I Cor. 11:26).

(E)



## TÓPICOS PARA MEDITAÇÃO

### “A Salvação de Raab”

*«Pela Fé, Raab, a meretriz, não pereceu com os incrédulos, acolhendo em paz os espias»* (Heb. 11:31).

- 1. O Carácter dela:** *«A meretriz»;*
- 2. O Perigo:** *«vivia com os incrédulos»;*
- 3. A Libertação:** *«Não pereceu»;*
- 4. A fé:** *«Pela fé»;*
- 5. As obras:** *«Acolhendo em paz os espias».*

### “Alento Para os Obreiros”

*«E disse o Senhor em visão a Paulo: Não temas, mas fala, e não te cales; Porque eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal, pois tenho muito povo nesta cidade.»* (Actos 18:9-10)

- 1. A Obra:** *«fala e não te cales»;*
- 2. A Certeza:** *«Não temas... eu sou contigo»;*
- 3. A Promessa:** *«Ninguém lançará mão de ti para te fazer dano»;*
- 4. A Perspectiva:** *«Tenho muito povo nesta cidade».*

## ILUSTRAÇÃO

### Morrer no Senhor

Uma Morte Bendita e Gloriosa - Philippe Jenks, pouco antes de falecer, ouvindo um amigo dizer, «Como é custoso morrer!» respondeu: «Oh, não! não! o morrer é fácil; é bendito; é glorioso!»

Dando um relance de olhos ao relógio disse: «Há duas horas que estou experimentando mais gozo em morrer, do que experimentei durante toda a minha vida. Para ter um fim como este, vale bem a pena passar por uma vida inteira, apesar dos desgostos o apertos. Há muito tempo que tenho desejado glorificar a Deus na minha morte; mas oh! nunca pensei que uma pobre criatura como eu pudesse ter uma morte tão gloriosa».

*«Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó morte a tua vitória?... Graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo»* (I Cor. 15:55-57).

À semelhança de Sansão que glorificou mais a Deus com a sua morte, do que em toda a sua vida. É dito dele que *«foram mais os mortos que matou com a sua morte, do que os que matara em sua vida»* (Jui. 16:30). Bem se pode aplicar aqui as Palavras do Senhor: *«bem aventurados os que morrem no Senhor»* (Apo. 14:13)

# Sermões Breves

## Exemplos antigos!

«Não remova os limites antigos...» (Prov. 23:10). Ao antigos deixaram-nos excelentes exemplos para vivermos a vida Cristã com êxito, face à sua maturidade e experiência. Mas, as novas gerações têm os abandonado, para seu próprio prejuízo. Diga-o Roboão, rei de Israel, dos seus novos conselheiros, pois «ele deixou o conselho que os anciãos lhe tinham dado, e teve conselho com os jovens que haviam crescido com ele, que estavam diante dele.» (1 Rei. 12:8), do que resultou a divisão da nação de Israel. Já dizia a Lei: «Honrarás a face dos antigos» (Lev. 19:32).

## Alerta...!

Não importa o lugar e a cultura onde se vive. O problema é de âmbito mundial. Os pastores estão hoje no meio de cinco crises: crise de identidade, crise de prioridade, crise de carácter, crise de autoridade e crise de dependência. O alarme foi dado na Austrália, numa reunião mundial de pastores. O "Natã" que alertou o problema, acrescentou, ainda, que as esposas dos pastores também estão em crise: crise de isolamento, crise de

estagnação, crise de compromissos e crise de co-dependência.

## ILUSTRAÇÃO

### O Sermão Mais Curto de Spurgeon

«**Eis aí o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo**» (João 1:29)

As Escrituras indicam claramente que sem derramamento de sangue não há remissão do pecado (Heb. 9:22).

Diz-se que o sermão mais curto que Spurgeon pregou consistiu na recitação daquelas benditas palavras de João 1:29. O ilustre pregador tinha sido convidado a dirigir uma série de cultos especiais no Palácio de Cristal de Londres, no qual se preparara para o efeito o púlpito do Jardim Surrey. Um dia ou dois antes do início da série de sermões, o célebre orador quis experimentar as propriedades acústicas do edifício, e, julgando o auditório vazio, disse em alta voz: «**Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!**» Um operário, numa das galerias, nada sabendo do que se estava passando, ouviu ressoar aquelas palavras, que vieram até ele como uma mensagem do céu dirigido à sua alma. Ferido pela convicção dos seus pecados, pousou as ferramentas e foi para casa, e aí, após algum tempo de íntima luta espiritual, achou paz e vida eterna contemplando o Cordeiro de Deus como seu Salvador.

Amigo, lê mais uma vez aquelas palavras – um sermão numa só frase – e olha com fé para Jesus – pede-lhe que perdoe os teus pecados e te faça Seu filho. Aqueles que assim O procuraram em sinceridade e verdade nunca ficaram - nem ficarão – desapontados.



## Alimento Espiritual

Não estamos a falar de qualquer revista de meditações diárias. Estamos a falar de um alimento imprescindível à nossa alma, e cuja administração deve ser diária.

Mas, que alimento espiritual é esse?

O Salmista já havia escrito: **"Alimenta-te da verdade"** (Sal. 37:3). O Senhor Jesus Cristo Jesus também afirmou: **«Eu sou a verdade...»** (Joa. 14:6); e: **«Eu sou o Pão vivo, que desceu do céu; se alguém comer deste Pão viverá para sempre.»** (Joa. 6:51).

### E porquê este alimento?

O crente é um indivíduo que tem duas naturezas. Estas duas naturezas são antagónicas, pois estão em constante conflito (Gál. 5:16-18): é a natureza da carne, que recebemos de Adão e nos foi transmitida quando nascemos humanamente falando (Joa. 3:3; Rom. 8:5-8), e é a natureza do Espírito, que recebemos quando nascemos de novo (Tit. 3:5; Rom. 8:9). Ora, e nesta batalha, a natureza que estiver

mais forte é a que vence: se alimentarmos a velha natureza, com os desejos da carne (I Ped. 4:2; I Joa. 2:16-17; Tia. 4:1-2), esta vencerá e nós "morreremos" (na comunhão prática com Deus) (Rom. 8:12-13), mas se alimentarmos a natureza espiritual, e esta estiver forte, então venceremos as tendências carnis (Col. 3:5) e experimentaremos a vida eterna (Gál. 6:8). E, ainda, escrevia Paulo: **«Porque o que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção; mas o que semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna.»** (Gál. 6:8)

Assim, devemos-nos alimentar com **«alimento sólido»** (Heb. 5:14), para sermos fortes e vitoriosos, já que O Senhor disse: **«Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância»** (Joa. 10:10). Basta-nos abrir a nossa "boca" que Ele logo a enche, como também disse: **«Eu sou o SENHOR teu Deus, que te tirei da terra do Egipto; abre bem a tua boca, e ta encherei.»** (Sal. 81:10). Ele mesmo é o que *alimenta e sustenta a sua igreja* (Efe. 5:29). Por isso, este alimento espiritual é o próprio Senhor, como Ele mesmo o disse.

### E como é que obtemos este alimento?

Este alimento é obtido pela Sua Palavra. E, quanto mais lermos, estudarmos e meditarmos na Sua

Palavra, mais d' Ele nos enchemos, e mais n' Ele nos fortaleceremos. E, por essa mesma razão dizia Jeremias: **«Achando-se as tuas palavras, logo as comi, e a tua palavra foi para mim o gozo e alegria do meu coração; porque pelo teu nome sou chamado, ó SENHOR Deus dos Exércitos»** (Jer 15:16).

Como é que está a nossa batalha espiritual? É a velha natureza que tem dominado a nossa vida (Rom. 6:14)? Somos crentes fracos espiritualmente? Famintos da Palavra de Deus? Sem qualquer referência vitoriosa? Derrotados pelo pecado?

Façamos como o filho pródigo: **«Tornando a si, disse:»** (Muitos crentes não sabem o que estão a perder vivendo segundo a carne; estão como que fora de si; andam na "lua"!). **«quantos jornaleiros do meu pai têm abundância de pão, e eu, aqui, padeço de fome! Levantar-me-ei e irei para meu pai...»** (Luc. 15:17-18). E, se os inimigos forem muitos, não esqueçam as palavras do salmista: «Preparas uma mesa diante de mim na presença dos meus inimigos... o meu cálice transborda» (Sal. 23:5).

**«Disseram-lhe, pois: Senhor, dá-nos desse pão»** (Joa. 6:34).

(E)



Uiiii Deus Deste Século...!

«Cujo Deus é o ventre...» (Fil. 3:19)

Poucas são as pessoas no mundo que não apreciam uma boa refeição. Portugal é bem conhecido pela sua gastronomia. E, quando uma refeição é confeccionada com todos os detalhes, agradável ao paladar, e bem acompanhada, com um bom vinho Alentejano, ou um reserva do Douro, dizem alguns: «sabe pela vida!».

Não podemos considerar pecado este tipo de apreciação. Uma das melhores bênçãos que O Senhor nos deu foi o sentido do paladar. E, se nos deu o paladar, é por que quer que apreciemos as maravilhas da criação, «usando dela com ações de graças» (1 Tim. 4:4), e quem diz o contrário corre o risco de seguir as orientações das «doutrinas dos demônios» (Idem). «Comei de tudo...» (1 Cor. 10:25), diz Paulo, compreendendo, claro, o que é saudável.

No entanto há limites. E tudo o que passa dos limites é pecado. O Apóstolo Paulo escreveu: «As obras da carne são..., glotonarias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus.» (Gál. 5:21). E o Sábio Salomão escreveu, também: «E se és homem de grande apetite, põe uma faca à tua

garganta...» (Pro. 23:2). E, assim muitos andam: «com o apetite desordenado» (Col. 3:5), sem controle, sem sentido, sem valores dignos de serem adotados como válidos.

Se é verdade que a satisfação desta necessidade fisiológica depende de algum trabalho da nossa parte – como consequência do pecado (Gén. 3:19), sabemos que agora, pela graça de Deus, o trabalho é uma bênção, cuja recompensa é o comer, pois, diz Paulo, «se alguém não quiser trabalhar, não coma também» (II Tes. 3:10). E, se é lícito apreciar uma boa refeição, e se uma boa refeição é necessária para o nosso sustento, não devemos dar-lhe mais valor do que o que ela tem, pois «o manjar não nos faz agradáveis a Deus...» (I Cor. 8:8), e «Deus destruirá tanto o ventre como os manjares» (Idem, 6:13), visto que, depois do arrebatamento, e com os corpos glorificados, jamais precisaremos destas coisas.

E, se a apreciação de uma boa refeição, como acima referimos, pode não ser considerada pecado, a conclusão ali anotada já o é, e passamos a repetir: "sabe pela vida!". Neste pecado muitos têm incorrido, pois vivem mais para comer, do que comem para viver. O "deus deles é o ventre". Vejamos alguns exemplos:

De Esaú foi dito: «E ninguém seja devasso, ou profano, como Esaú, que por uma refeição vendeu o seu direito de primogenitura. Porque bem sabeis que, querendo ele ainda depois herdar a bênção, foi rejeitado, porque não achou

lugar de arrependimento, ainda que com lágrimas o buscou.» (Heb. 12:16-17).

Antes, Isaque deixou-se enganar por causa de uma refeição, pois ia vender a bênção de Jacob a Esaú; não fora Deus escrever direito por linhas tortas! (Gén. 27:4).

Eude, juiz em Israel venceu Eglom, rei dos moabitas, ferindo-o com uma espada, porque era mui gordo (Juiz. 3:15-17).

Belshazar, no dia em que se fartava de comer e de beber morreu às mãos dos seus inimigos e perdeu o reino (Dan. 5).

Como é que estamos a viver? De que forma é que estamos a tratar o nosso corpo, que «é o templo do Espírito Santo?» (I Cor. 6:19).

E os exemplos se poderiam multiplicar... alguns deles são do nosso conhecimento hodierno. Quantos estão a viver para o ventre, engordando mais o corpo que o espírito.

O mundo diz: «Comamos e bebamos, que amanhã morreremos» (I Cor. 15:32b), porque não tem esperança. Mas o cristão diz: «Para mim o viver é Cristo...» (Fil. 1:21), por isso, «Andemos honestamente, como de dia; não em glotonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja.» (Rom. 13:13).

**J.E.S.F.**





## Sem Máscaras...

Disfarces... Disfarces... Muitos disfarces se usam no dia a dia. Provavelmente, e face ao ritmo que o mundo vive e quer imprimir em nós, já não sabemos viver doutra maneira. Escondemos o que somos, para não assumirmos as nossas responsabilidades espirituais e negamos as nossas convicções, defraudamos a nossa aliança com Deus e repudiamos a nossa vocação.

Acabe, rei de Israel, disfarçou-se para ir à batalha contra o rei da Síria: **«E disse o rei de Israel a Jeosafá: Disfarçando-me eu, então entrarei na peleja; tu, porém, veste as tuas roupas reais. Disfarçou-se, pois, o rei de Israel, e entraram na peleja.»** No entanto, **«um homem armou o arco, na sua simplicidade, e feriu o rei de Israel... e morreu ao tempo do pôr do sol»** (II Cro. 18:29-34).

Também Josias, um bom rei em Judá, precipitou-se e, disfarçado, desafiou o rei do Egipto, contra a vontade de Deus. Aí perdeu a sua vida! (II Cro. 35:22-23).

Saul, também se disfarçou para cometer o maior pecado da sua vida: consultar uma feiticeira. Dessa atitude perdeu a sua vida e a vida de alguns dos seus filhos (I Rei. 20:38).

Jacob disfarçou-se de Esaú para lhe tirar a bênção (Gén. 27). E, por

isso, teve de fugir, sob pena de perder a sua vida.

Muitos hoje continuam a disfarçar-se. Paulo alertou para este facto, quando disse: **«Porque eu sei isto que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não pouparão ao rebanho; E que de entre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si.»** (Act. 20:29-30), e: **«Porque tais falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, disfarçando-se (assim o grego) em apóstolos de Cristo»** (I Cor. 11:13), **«e não é maravilha, porque o próprio Satanás se disfarça em anjo de luz.»** (Idem, 11:14).

Quantos têm sacrificado a sua vida espiritual por andarem disfarçados! Quantos têm sido derrotados por não assumirem o que são.

Outros, porém, não conseguem enganar ninguém... Pedro tentou negar o Senhor, mas todos reconheceram que ele «falava» como O Senhor (Mat. 26:73), «vestia» como O Senhor, à galileu (Mar. 14:70), e que «estivera» com O Senhor (Joa. 18:26). Mas, se o mal de Pedro é um mal menor, não deixa de ser uma atitude anti-cristã. **«Não vos conformeis com o mundo»** (Rom. 12:2), ou seja, não tomeis a forma exterior do mundo, a máscara que o mundo usa... **«mas todos nós, com rosto descoberto, reflectindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.»** (II Cor. 3:18).



# OS DIAS DE NOÉ

«E, como aconteceu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do homem.» (Luc. 17:26)

«Os quais noutro tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água.» (1 Ped. 3:20).

Parece ter pouco significado o facto de só oito almas terem sido salvas! «Certamente que seriam algumas centenas de pessoas que viviam nos dias de Noé», pensará o leitor!

Esta foi uma questão que nunca tínhamos pensado antes. Mas, quando nos debruçávamos na revolução demográfica deste século XX, à qual nos referimos no número anterior, apercebemo-nos que neste século a população mundial quadruplicou, mesmo com milhões de mortes causadas pelas guerras mundiais, cataclismos à escala do globo terrestre, doenças, fomes e outras calamidades. Desde o ano de 1900 até 2000 passou-se de 1.500 milhões para 6.200 milhões de pessoas.

O leitor já pensou na quantidade de pessoas que viviam antes do dilúvio? 100? 1.000? 10.000? 100.000? 1.000.000? 10.000.000? 100.000.000? 1.000.000.000? 10.000.000.000? Eu creio que viviam na terra entre 8.000 milhões a 15.000 milhões de pessoas! Muito mais que o dobro da que existe no presente momento. Parece loucura e absurdo, mas se raciocinarmos um pouco e fizermos

contas, veremos que esse número não é impossível, senão vejamos:

1. O homem tinha bem presente o mandamento de Deus: «Frutificai, multiplicai-vos e enchei a terra» (Gén. 1:27-28).

2. Os homens viviam muito mais tempo (Gén. 5), o que permitia outra capacidade de procriação.

3. Cremos que os homens eram mais perfeitos, mais inteligentes e mais completos que os de hoje, uma vez que ainda não estavam tão afectados com as consequências do pecado e com as alterações introduzidas por Deus no sistema geográfico ocorridas aquando do Dilúvio. Não estavam, por isso, tão expostos às doenças e às limitações humanas como hoje acontece.

4. São quase nulas as evidências da civilização antediluviana. No entanto, as últimas descobertas feitas pelos arqueólogos, demonstram que a civilização no tempo de Noé era bastante avançada – não tanto como nos nossos dias, mas era avançada. E, «se a arqueologia moderna data a Idade do ferro entre 1.200 – 300 A. C., as Escrituras Sagradas dizem que antes do Dilúvio, 4.000 – 2.350 A.C., o homem era mestre na arte do ferro (Gén. 4:22), como o comprovam recentes escavações» (Merril F. Unger, Ed. 1980, pag. 20). «Majestosos objectos de cerâmica têm sido encontrados na Mesopotâmia, que demonstram o elevado grau de desenvolvimento da Época. (Idem.).

O urbanismo, a tecnologia, a música, a arte da guerra, a economia e a moda, são algumas das áreas que podemos referenciar com especial relevo no desenvolvimento na época.

O mesmo se diga da «Arca de Noé». Não foi uma obra rudimentar, tipo jangada, ou coisa semelhante. Longe disso. Ela obedeceu aos mais elevados

conceitos de fabrico de naves de navegação marítima, ainda hoje respeitados. Se ela fosse encontrada seria um belo exemplar de elevada tecnologia.

5. Os animais não tinham a ferocidade como hoje acontece. Isso foi uma consequência das alterações geográficas da terra, aquando do Dilúvio. Por isso, o homem dominava os animais e não era por isso que morria (Gén. 9:2).

6. As estações do ano e alterações climáticas só principiaram depois do Dilúvio (Gén. 8:22). Só depois disso é que aconteceram os cataclismos naturais.

Considerando que o período antediluviano durou 1656 anos; considerando que haviam todas as condições naturais e materiais para a procriação da humanidade; considerando que o número na população mundial duplicava de 50 em 50 anos (o que é manifestamente baixo, para as condições existentes), concluímos que no ano 1.000, pela altura do arrebatamento de Enoque, haviam à face da terra cerca de dois milhões de pessoas; no ano 1.100, haviam cerca de oito milhões de pessoas; no ano 1.500 cerca de dois mil milhões de pessoas; no ano 1.600 cerca de oito mil milhões de pessoas; e, no ano de 1656 cerca de 15.000 milhões de pessoas.

São números especulativos, é verdade. Mas, são números que têm toda a probabilidade de ser verdadeiros. E, se assim é, são valores que quase não dá para acreditar.

Mas, mais incrível é que, no meio de tantos milhões de pessoas, biliões... só oito é que foram salvas! E tinham todos grandes testemunhos... O Jardim do Éden ainda estava ali (só foi removido com o Dilúvio). Deus ainda poderia ser encontrado no Jardim, como aconteceu com Caim e Abel. Mas, antes preferiram dedicar-se aos negócios, à família, à arte, à

moda, à musica, e a outros entretenimentos.

Com tudo isto, evidências espirituais irrefutáveis, e uma cultura desenvolvida que promovia a felicidade do homem, este preferiu viver longe de Deus, ao ponto do Senhor dizer:

**«E viu O Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra, e que toda a imaginação dos pensamentos do seu coração era só má continuamente...»** (Gén. 6:5 e seg.); e,

**«Como aconteceu nos dias de Noé...»** (Luc. 17:26); e, ainda,

**«Quando porém vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra? »** (Luc. 18:8).

### Para Meditar...

Face a tudo isto, e tendo em conta os acontecimentos que presenciámos no dia a dia, que dizer? Será que os dias de hoje são melhores que aqueles dias? Será que nos dias de Noé havia mais corrupção que hoje? Não por certo! A diferença está na “Graça de Deus”. Pois estou certo que, não fora a graça de Deus e Ele já teria intervindo no mundo.

### Para Perguntar...

Será que, se não estivéssemos na “Dispensação da Graça de Deus” (Efé. 3:2) as mesmas oito almas se salvariam? E, olhando para a cristandade, pergunto-me: provavelmente nem oito escapariam!

### Para Clamar...

Corroborar-nos, Senhor, com poder... para sermos cheios da plenitude de Deus... e andarmos segundo a vocação com que fomos chamados (Efé. 3:14 – 4:1).

### Para Adorar...

Glória a Ti, Senhor, pelas riquezas da Tua Graça (Efé. 1:7; 2:8).

(E)

# DINASTIA DE NOÉ

## Famílias e Datas Pós-Adão

OCORRÊNCIAS	DATAS	DIFERENÇA	ADÃO	SETHE	ENOS	CAINÃ	MAALALEL	JARED	ENOQUE	METUSALÉM	LAMEQUE	NOÉ	JAFET/CAIM	SEM	DILÚVIO
Nascimento de Adão	0	0	0												
Nascimento de Sem	130	130	130	0											
Nascimento de Sethe	235	105	235	105	0										
Nascimento de Enos	325	90	325	195	90	0									
Nascimento de Cainã	395	70	395	265	160	70	0								
Nascimento de Maalalel	460	65	460	330	225	135	65	0							
Nascimento de Enoque	622	162	622	492	387	297	227	162	0						
Nascimento de Metusalém	687	65	687	557	452	362	292	227	65	0					
Nascimento de Lameque	874	187	874	744	639	549	479	414	252	187	0				
Morte de Adão	930	56	<b>930</b>	800	695	605	535	470	308	243	56				
Transladação de Enoque	987	57		857	752	662	592	527	<b>365</b>	300	113				
Morte de Sethe	1042	55		<b>912</b>	807	717	647	582		355	168				
Nascimento de Noé	1056	14			821	731	661	596		369	182	0			
Morte de Enos	1140	84			<b>905</b>	815	745	680		453	266	84			
Morte de Cainã	1235	95				<b>910</b>	840	775		548	361	179			
Morte de Maalalel	1290	55					<b>895</b>	830		603	416	234			
Morte de Jared	1422	132						<b>962</b>		735	548	366			
Nascimento de Jafethe e...	1556	134								869	682	500	0		
Nascimento de Sem	1558	2								871	684	502	2	0	
Morte de Lameque	1651	93								964	<b>777</b>	595	95	93	
Morte de Metusalém	1656	5								<b>969</b>		600	100	98	
<b>Dilúvio</b>	<b>1656</b>	0										600	100	98	<b>0</b>
Morte de Noé	2007	350										(...)	(...)	(...)	+ 350
Nascimento de Abraão	2009	2													+ 352
Morte de Sem	2159	150													+ 502

### LEGENDA DO MAPA ANTERIOR:

O que temos neste quadro é simplesmente a linha genealógica de Adão até Noé, pois muitas mais houveram, e até 1656 anos, período antediluviano, muitos milhares de pessoas nasceram e morreram!

Quando Enoque nasceu, Adão tinha 622 anos, e pôde aprender dele as grandes lições e as maravilhosas conversas que teve pessoalmente com Deus durante 308 anos (ano 930, ano da morte de Adão), ao ponto de ele mesmo desejar andar pessoalmente com Deus. Metusalém e Lameque também conheceram Adão, e puderam ouvir dele as mesmas conversas e a vida que vivera no Jardim do Éden e a sua comunhão com Deus. Já nessa altura viveriam na terra mltos milhares de pessoas (+ - 50 mil).

Judas 14 diz que Enoque já falava dos juizos de Deus. Ora, isso aconteceu no ano 687, ou seja, 969 anos antes do dilúvio. A corrupção já vinha de longe... Dos primeiros dias do homem.

Lameque, quando lhe nasce o seu filho Noé, disse que «este nos consolará das nossas obras...», por causa da terra que o Senhor amaldiçoara. E isso foi no ano 1056, ou seja, 600 anos antes do dilúvio. Seriam, então, cerca de 10 milhões de pessoas no mundo.

Metusalém viveu 969 anos. Foi o homem que mais viveu sobre a terra. Seu nome significa "morrendo, virá". Certamente se referia ao juízo de Deus pelo dilúvio, cuja previsão Deus revelara a Enoque. Essa revelação marcou a sua vida, pois a partir desse momento ele passou a andar com

Deus, falando aos homens dos Seus juízos, e dá testemunho disso com o nome que deu a seu filho: *Metusalém*. Na verdade, no ano em que ele morreu veio o dilúvio. Ou seja, enquanto ele vivesse o dilúvio não era enviado.

Nenhum crente morreu no dilúvio. Sendo o dilúvio uma maldição de Deus sobre os ímpios, aqueles que n' Ele confiam estão sob a sua protecção. Feitas as contas, Lameque morreu cinco anos antes do dilúvio; Metusalém morreu no ano do dilúvio, e Noé e seus filhos foram todos salvos pela Arca de Deus. Na verdade, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.

Sem era o filho mais novo de Noé. Génesis 5:32 diz que Noé tinha 500 anos quando lhe nasceram os filhos. E Génesis 11:10 diz que Sem tinha 100 anos quando teve Arfachade, 2 anos depois do dilúvio. E, como Noé tinha 600 anos quando veio o dilúvio (Génesis 7:11), subentende-se que ele começou a ter filhos com 500 anos, ou "na casa" dos 500 anos, e, quando lhe nasceu Sem ele tinha 502 anos.

Nos dias do dilúvio haveriam na terra entre 10.000.000.000 (dez mil milhões) e 15.000.000.000 (quinze mil milhões ou 15 biliões, no conceito brasileiro), muito mais que hoje!!! E só 8 se salvaram!!!

É digno de registo, ainda, o facto de Abraão ter conhecido Sem, filho de Noé, que nasceu 2 anos depois da morte deste, e 150 anos antes da morte de Sem. É provável que vivesse com eles em Ur, por ser da sua linha directa. No entanto, nada sabemos se ele foi com Nacor e Terá para Harã, ou não. Mas, estamos convencidos que ele - Sem - foi uma influência positiva para esta família, e em particular para Abraão e para as suas decisões de fé.

(E)

# Às Nossas Irmãs...

## Leve Seu Filho a Jesus

Você é o primeiro guia de seu filho.  
Aquele que o coloca ao peito para mamar,  
no berço para dormir e na banheirinha para  
tomar banho.  
Aquele que vai ensiná-lo a fechar os olhos  
e a pôr as mãos postas para orar.  
Aquele que vai levá-lo pela primeira vez à igreja.

Depois de você, virão outros guias:  
a babá, a professora da Escola Dominical,  
a professora do Jardim de Infância,  
o pastor da igreja,  
o guarda de trânsito,  
os avós,  
os primos,  
os colegas da escola,  
a televisão, o computador e muitos outros.

Você precisa ser um guia zeloso,  
um guia bem preparado,  
um guia bem sucedido.  
Um guia que leve seu filho a Jesus,  
como fizeram aqueles pais a que se referem  
as Escrituras (Luc. 18:15).  
Um guia que não solte a mão do filho em  
hipótese alguma,  
em circunstância alguma,

em tempo algum.  
Um guia que possa proclamar em voz alta:  
"Eis aqui estou eu,  
e os filhos que Deus me deu" (Heb. 2:13).

Você precisa seleccionar os outros guias de  
seu filho.

Não podem ser como Judas,  
"que foi o guia daqueles que prenderam a  
Jesus" (Act. 1:16).

Não podem ser os tais guias cegos,  
tantas vezes condenados por Jesus  
(Mat. 15:14; 23:16 e 24).

Considere-se feliz, muito feliz,  
se o guia de seu filho for o mesmo guia de  
Israel durante a travessia do deserto:  
"O Senhor ia adiante deles,  
durante o dia numa coluna de nuvem,  
para os guiar pelo caminho,  
durante a noite numa coluna de fogo,  
para os alumiar,  
a fim de que caminhassem de dia e de noite"  
(Êxo. 13:21).

E.U., Novembro 1997.

## Até que a Morte nos...

*«Não temos nós direito a levar  
uma mulher irmã, como também os  
demais apóstolos, e os irmãos do  
Senhor, e Cefas?» (I Cor. 9:5) (Paulo  
falava dos seus colaboradores que eram  
casados).*

*«Irmãos, cada um fique diante de  
Deus no estado em que foi  
chamado.» (I Cor. 7:24).*

**«Aquilo que Deus juntou, não o separe o homem...»** (Mateus 19:9).

Estes textos que selecciona-mos são oportunníssimos para os dias que correm! São as necessidades da Obra de Deus que aumentam, as responsabilidades dos anciãos e dos obreiros que crescem, as suas famílias que aumentam, e com elas as suas obrigações, que, por vezes, por “causa da obra” são colocadas em segundo plano.

Estes textos são oportunos, porque se Deus deu uma mulher a um evangelista, pastor, doutor, pregador, ou a um ancião, é para o “coadjuvar” na obra, à semelhança da função de Eva para com Adão, no Éden. Não é para ficar em casa, a cuidar das lidas da casa, dos filhos, quando não é a ver as telenovelas!

Desastres, muitos desastres se contam por lares desfeitos, mesmo aqueles que supúnhamos ser impossível que acontecesse. Esses mesmos. Porque se dedicam à “Obra”, e deixam os lares ao abandono, os filhos ao desamparo, as mulheres à deriva!!! Resultado? Lares desfeitos, filhos que nunca se convertem, mulheres saturadas de um matrimónio que nunca tiveram... e tudo em “nome do Senhor”!

A vocação de Deus para o casal é conjunta; as responsabilidades na obra e as funções que se exerçam nela não devem prejudicar o lar, nem os deveres conjugais e familiares (I Cor. 7:3-5). A chamada de Deus para a obra não implica o sacrifício do matrimónio, que é uma instituição divina. Deus não dá com uma mão e tira com a outra: Deus dá com uma mão e confirma com a outra.

Mulheres, o vosso lugar é junto aos vossos maridos, orando,

auxiliando, apoiando e animando a obra que Deus colocou sobre os seus ombros. Não os abandonando na seara divina, mas ficando na retaguarda, ao lado, à frente, no lugar devido e necessário, colaborando com eles, que «são cooperadores de Deus» (II Cor. 6:1).

**«Até que a morte nos separe...!»**

MMFS



## Para Meditar...

**«Mas a vereda dos justos  
é como a luz da aurora,  
que vai brilhando mais e mais  
até ser dia perfeito.»**

(Pro. 4:18)

**«Tendo por certo isto mesmo,  
que aquele que em vós começou a  
boa obra a aperfeiçoará  
até ao dia de Jesus Cristo.»**

(Fil. 1:6)

# A Ciência dos Tempos de Deus

(A Profecia Maravilhosa  
das Setenta Semanas de  
Daniel Capítulo 9)

No capítulo nove, versículos 24 a 27, do Livro de Daniel, temos a importante revelação feita pelo anjo Gabriel a Daniel acerca das «setenta semanas» determinadas sobre o seu povo, e sobre a santa cidade; período esse dentro do qual Deus iria cumprir a Sua obra em relação às promessas feitas outrora a Abraão e a Davi.

Este fragmento da Escritura é uma das porções Sagradas que melhor evidencia a Sabedoria de Deus e a sua capacidade de dominar o tempo e os seus acontecimentos. Por ela vemos que a História é o que Deus quer, quando quer e como quer. O Senhor é que sabe o que faz da humanidade e da terra. O Senhor

é o dono do tempo e dos seus acontecimentos. Nada acontece ao acaso. Ele programa as coisas; e, quando quer, faz com que elas aconteçam, no momento exacto: no Seu tempo.

A profecia a Daniel, sem dúvida, foi dada em parte para lhe servir de conforto e aos judeus desse tempo que iam passar por dias angustiosos. Mas passavam-se os anos e o mistério não se explicou, até que muito mais tarde lemos no Evangelho de Lucas de alguns, que estudando as Escrituras e orando, principiaram a ler o número dos anos, e pelos sinais dos tempos, concluíram ter chegado o tempo em que podiam **«esperar a consolação de Israel»**, (Luc. 2:25). Era claro que pelas «setenta semanas» devia-se entender 70 *semanas de anos*, o que equivale, tomando um dia por um ano, ou seja, 490 anos.

O ponto de partida desta profecia, vemo-lo no versículo 25: «Desde a saída da palavra para fazer tornar e para edificar a Jerusalém». No segundo capítulo do livro de Neemias, lemos das ordens dadas pelo rei Artaxerxes em resposta ao pedido de Neemias, para que a cidade se reedificasse. Foi, ao que parece, no dia do ano novo judaico, o dia 1 do mês Nizan, ou seja, no dia 14 de Março, no ano vigésimo do rei Artaxerxes, isto é, o ano 445 A.C. que isso se deu, ano esse,



portanto, em que começou a decorrer as 70 semanas proféticas.

Notamos que este período se acha dividido em três partes, a saber, 7 semanas + 62 semanas + 1 semana. A primeira parte de 7 semanas, ou seja,  $7 \times 7$ , é igual a 49 anos, que corresponde ao tempo necessário para a restauração da cidade de Jerusalém, levadas avante em tempos angustiosos.

Depois temos a segunda parte, as 62 semanas, que com as primeiras 7 semanas somam 69 semanas, ou seja  $69 \times 7 = 483$  anos, precisamente o tempo calculado entre o dia 14 de Março do ano 445 antes de Cristo e o dia 6 de Abril do ano 32 da nossa Era; dia esse em que, ao que parece, Jesus entrou publicamente em Jerusalém como o Messias, sentado num jumento segundo a profecia de Zacarias. Este intervalo mediu, segundo uma contagem de Sir Robert Anderson, coadjuvado pelo astrónomo real inglês, exactamente 173,880 dias, ou seja, calculado em anos proféticos de 360 dias, precisamente 483 anos, isto é 7 vezes 69.

Aqui temos a prova evidente do Senhor Jesus Cristo ser o Messias da profecia, pois apareceu em Jerusalém precisamente no tempo predito, e, segundo alguns eruditos na matéria, foi crucificado precisamente no tempo em que terminou a 69ª semana profética.

Passados uns dias, continuamos a ver que a Nação de Israel insiste em não reconhecer O Senhor Jesus Cristo como o seu Messias, a rejeitar o Seu Reino Messiânico, e a entregar as rédeas do mundo aos gentios – como até ali vinha acontecendo com o Império Romano. Por isso, e não obstante Pedro dizer que o Pentecostes era a continuação do cumprimento da profecia (no caso, de Joel), e que já referimos, Deus suspende a Profecia, não dando inicio à 70ª semana, para introduzir um novo programa: a Dispensação da Graça. É um programa que não estava previsto na Profecia, e desde a sua origem, processo, objectivos e conclusão estava oculto na revelação dos profetas. É um programa revelado exclusivamente a Paulo para a Igreja “Corpo de Cristo”.

Pedro, já na sua II Epístola – e sem se contradizer quanto a Actos 2:16 e seguintes – diz que O Senhor não veio (o cumprimento ou o fim da 70.ª semana), porque foi “longânimo”, introduzindo um «tempo de salvação de longanimidade, conforme foi revelado a Paulo» e não conforme estava revelado nos profetas! (II Ped. 3:9, 15-16).

Passados cerca de 40 anos da morte do Senhor, vieram os exércitos romanos e destruíram a cidade e o santuário, como confirmação de que o programa de Deus para o homem, hoje, não

passava pelo templo, nem por Jerusalém, mas directamente pelo coração humano: «a todos e em todo o lugar» (Act. 17), e que aquele programa messiânico ficaria suspenso até que se concluísse a Dispensação da Graça. Paulo diz: **«Porque, irmãos, não quero que ignoreis este “Mistério” (ou segredo), que o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos Gentios haja entrado»** (Rom. 11:25). E esse momento corresponde ao arrebatamento da Igreja – o último mistério do “Grande Mistério” da Igreja a ser cumprido. Só depois é que cumprirá a última semana de anos, ou seja: sete anos.

Esses dias que fazem parte das «setenta semanas de Daniel», correspondem **«aos tempos dos gentios»** (Luc. 21:24) (não confundir com plenitude dos gentios). São caracterizados, por um lado, por tempos de inimizade contra Deus, tanto de Israel (em parte, pois só se converterá no fim da G. T.) como do mundo, e por outro, por tempos de aflicção do dia da ira de Deus sobre o mundo. É o “Tempo do Fim», ou os eventos que ocorrerão no fim dos tempos.

De uma forma mais minuciosa e desenvolvida o Livro do Apocalipse fala deles: o fim da história do **«tempo dos gentios»**, que precederá **«o tempo do Senhor»**, ou **«O Dia do Senhor»**, com a implantação do Seu Reino Milenial.

Esse período de 7 anos é dividido em duas metades, tanto em Daniel, como em Mateus 24, ou no Livro do Apocalipse, sendo a primeira metade chamada de **«princípio das dores»**, e a segunda metade de **«grande tribulação»**.

O facto científico do rigor destas datas foi desenvolvido por alguns cientistas e estudiosos na matéria, sendo de destacar Sir Robert Anderson, no seu livro *«Daniel is the Critic's Den»*, onde afirma o seguinte: «Desde o ano 445 A.C. até ao ano 32 A.D., faz 476 anos – 173,740 dias (476 x 365 + 116 dias pelos anos bissextos). Do dia 14 de Março a 6 de Abril, contados inclusivamente segundo o costume judaico, perfaz 24 dias, e 173,740 + 116 + 24 = 173,880 dias, e isto resolvido em anos proféticos, que sabemos são de 360 dias, dá **483 anos**, ou seja 69 x 7.

Lembramos ao leitor que na contagem do tempo, de anos antes de Cristo (A.C.) para a Era cristã (A.D.), temos de descontar um ano, o que se pode compreender facilmente, notando que qualquer mês de 1 A.C. ao mesmo mês do ano 1 A.D. não perfaz dois anos, mas um só. Para a contagem dos anos bissextos acima feita, lembramos que, pela reforma Gregoriana, os anos seculares só se contaram como bissextos de 4 em 4 séculos».

**«Não vos pertence saber os tempos e as estações que O Pai estabeleceu pelo seu próprio poder»** (Actos 1:7).

*In «Leituras Cristãs», 1923  
Adaptado*

## “Sem Pedras de Tropeço...”

Por, Allinges Lens César Mafra

É contigo, criança, que vou aprender a amar.  
Tu amas sem regras, sem medos, sem tabus.  
Teu amor é pura troca: um sorriso por outro sorriso, um silêncio ou um segredo por outro silêncio e outro segredo.  
O tempo, para ti, é precioso demais: Tu não o malgastas em críticas, em avaliações estéreis, em embirrações contínuas.  
Por isso te irritas com horários rígidos, ordens absurdas, sermões compridos, seríssimos, lengalengas inúteis...  
Tu comes porque sentes fome;  
Rejeitas comer porque acontecimentos importantes o instigam violentamente: a corrida de bicicleta, o encontro com o amiguinho ou a amiguinha que chegou de viagem e tem muito para contar.  
Sim, tu vives noutra dimensão,  
razão por que às vezes é tão difícil entender-te!

Mas o que eu quero mesmo é aprender a amar como tu, dessa tua maneira, sem hora marcada, sem pé atrás, sem complicações, ameaças, ofensas, desconfianças, deslealdade, cobiças ou avarezas - pedras de muito tropeço, alheias ao seu mundo, onde não existem problemas, apenas soluções...

***«E (Jesus) disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus.»*** (Mat. 18:3).

## O Grande Mistério...

**“Grande é este mistério;  
digo-o, porém, a respeito de  
Cristo e da Igreja...”**

(Efésios 5:32).

**«EIS QUE VÓS DIGO UM  
MISTÉRIO: NA VERDADE,  
NEM TODOS DORMIREMOS...»  
(I COR. 15:51-54)**

## A Vinda do Senhor e “O Mistério”

### INTRODUÇÃO:

Relativamente ao termo do Programa Profético, que acontecerá com a vinda do Senhor e o Seu Reino, ele será precedido por acontecimentos extraordinários e sobrenaturais, humanos e espirituais.

Quando O Senhor falava desses dias, Pedro faz duas perguntas, às quais O Senhor responde em Mateus 24, e que são: «Diz-nos, quando serão essas coisas, e que sinal haverá da Tua vinda e do fim do mundo?» (24:3)

O Programa do Mistério da Igreja “Corpo de Cristo” também terá um termo. E, sobre ele, também podemos fazer as mesmas perguntas: «Quando serão essas coisas?» e «que sinal haverá da Tua vinda?»

Na verdade, o termo do Programa do Mistério acontecerá com um

acontecimento que é um verdadeiro mistério. Paulo diz: «Eis que vos digo um mistério (ou segredo): Na verdade nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados; num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta, porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados» (I Cor. 15:52-52). Ou seja, o arrebatamento da Igreja, que porá termo à Dispensação da Graça de Deus, é um segredo, seja quanto ao seu enquadramento na revelação de Deus, pois nunca foi revelado aos ministros do Programa Profético – ou Messiânico, como é um mistério quanto à sua ocorrência.

Por sua vez, e ao contrário do que ocorrerá com a vinda do Senhor para Israel, no quadro da Profecia, a vinda de Cristo para arrebatá-la Sua Igreja não será precedida de qualquer sinal, pois é um segredo, e «num abrir e fechar de olhos» subiremos ao encontro do Senhor nos ares.

Um dos grandes problemas da cristandade é confundir a ressurreição de que os profetas falaram e faz parte da esperança dos crentes do Reino Messiânico, com a ressurreição da Igreja – ou seja, o arrebatamento.

Também é verdade que novas correntes têm surgido no debate desta matéria espiritual. No entanto, consideramo-las tão infundadas, seja pelas orientações seguidas, seja pelos argumentos empregues, ou ainda pelos métodos utilizados. Limitamo-nos a enumerá-las, para conhecimento geral do leitor, cientes de que, depois de concluída a leitura do nosso estudo comungarão conosco nas afirmações que acabamos de fazer.

Reproduziremos, também, no nosso estudo alguns apontamentos que consideramos dignos de nota, feitos por homens a quem O Senhor tem dado o dom de estudar as Escrituras, os quais têm,

ainda, dedicado a sua vida ao estudo d'Elas. «E, também eu cuido que tenho O Espírito de Deus» (I Cor. 7:40).

VPP

## ESCATOLOGIA

(A DOCTRINA DAS ÚLTIMAS COISAS):

### A. NUMA PERSPECTIVA MODERNA:

#### I. A SEGUNDA VINDA DE CRISTO:

##### Conceitos:

**1. Posição Pós-Milenista:** A segunda vinda de Cristo só se dará **depois** do Milénio. **Método de interpretação.** A interpretação do pós-milenista é amplamente espiritualizada no que tange a profecia.

**2. Posição A-Milenista.** A segunda vinda de Cristo se dará no **fim** da Época da Igreja e não existe um Milénio na Terra. Estritamente falando, os Amilenista crêem que a presente condição dos justos no céu é o Milénio, e que não há ou haverá um Milénio terrestre. **Método de interpretação.** A interpretação A-milenista espiritualiza as promessas feitas a Israel como nação, dizendo que são cumpridas na Igreja.

**3. Posição Pré-Milenista.** A segunda vinda de Cristo acontecerá antes do Milénio. **Método de interpretação.** O pré-milenista segue

o método de interpretação normal, literal, histórico-gramatical.

### II. O ARREBATAMENTO DA IGREJA

#### Posições Doutrinárias:

##### A. Pós-milenistas e A-milenista:

Os Pós-milenistas e os A-milenistas vêm o arrebatamento da Igreja no final desta Era em simultâneo com a segunda vinda de Cristo. Assim, não distinguem a vinda do Senhor para arrebatá-la Sua Igreja, como distinta da vinda do Senhor para Reinar. Mas, de facto, o Senhor quando vier em poder e glória para reinar, “**nós nos manifestaremos com Ele**” (Rom. 8:19; Col. 3:3-4).

**B. Arrebatamento pré-tribulacional.** O arrebatamento da Igreja (i.e., a vinda do Senhor nos ares para os Seus santos) ocorrerá antes que comece o período de sete anos da Tribulação. Por isso, a Igreja não passará pela Tribulação.

**C. Arrebatamento meso-tribulacional.** O arrebatamento ocorrerá depois de transcorridos três anos e meio do período da Tribulação, ou seja, a meio da G.T..

**D. Arrebatamento pós-tribulacional.** O arrebatamento acontecerá ao final da Tribulação. (Confundem a última trombeta – ou a “trombeta do fim da Dispensação da Graça” de I Cor. 15:52, coma Sétima Trombeta do Apocalipse 11:15-19. A primeira assinala o fim da Graça; a segunda assinala o fim da Guerra, da Ira de Deus). Para estes o arrebatamento é distinto da segunda vinda, embora seja separado dela por um pequeno intervalo de tempo. A Igreja permanecerá na Terra durante todo o período da Tribulação.

### **E. Arrebatamento parcial.**

Somente crentes considerados dignos serão arrebatados antes de a ira de Deus ser derramada sobre a Terra; os que não tiverem sido fiéis permanecerão na Terra durante a Tribulação.

**F. A nossa posição:** Entendemos, como explanaremos suficientemente adiante, que a Igreja é um Mistério, bem como o arrebatamento da Igreja. A grande Tribulação faz parte do cumprimento da Profecia, e como tal, não têm nada a ver uma coisa com a outra. Por isso, a Grande Tribulação só acontecerá depois do arrebatamento.

## **B. A VISÃO CONSERVADORA**

### **I. O ARREBATAMENTO:**

**1. A Descrição do Arrebatamento:** Os textos de I Tessalonicenses 4:13-18; I Coríntios 15:51-57.

**2. Os acontecimentos:** (1) A descida de Cristo aos ares; (2) A ressurreição dos mortos em Cristo com corpos gloriosos, mas só os pertencentes à Igreja "Corpo de Cristo"; (3) A transformação dos corpos dos crentes que estiverem vivos na ocasião, também para corpos gloriosos; (4) O encontro com Cristo nos ares para a subida ao céu; e, (5) O Tribunal de Cristo, nos ares.

### **II. A TRIBULAÇÃO**

**1. Sua Duração.** É a 70ª semana de Daniel e, portanto, durará sete anos (Dan. 9:27). Cada metade desse período é identificada no Livro do Apocalipse pelas expressões "42 meses", "1.260 dias" e "tempo, tempos

e metade de um tempo" (Apo 11:2-3; 12:14), sendo a primeira metade chamada pelo Senhor de «Princípio das Dores» (Mateus 24:8), e a segunda metade de «Grande Tribulação» (Idem, vs. 21).

**2. Sua Definição:** (Mateus 24:21; Apo. 6:15-17).

**3. Sua Descrição:** (1) Julgamento sobre o mundo. As três séries de juízos descrevem esse julgamento (Selos - Apo 6; Trombetas - Apo 8; e, Taças - Apo 16). (2) Perseguição contra Israel (Mat. 24:9,22; Apo 12:17); (3) Salvação de almas do mundo (Apo 7). (4) Ascensão e domínio do anti-Cristo (II Tes. 2; Apo 13); (5) O Desfecho: A Tribulação terminará com a reunião das nações para a batalha de Armagedom e com o retorno de Cristo à Terra, que as vencerá (Apo 19).

### **III. O MILÊNIO**

**1. Definição.** O Milênio é o período de 1.000 anos em que Cristo reinará sobre a Terra, dando cumprimento às alianças abraâmica e davídica, agora com base numa Nova Aliança.

**2. Suas Designações.** O Milênio é chamado de "Reino dos Céus" (Mat. 6:10), "Reino de Deus" (Luc. 19:11), "Reino de Cristo" (Apo 11:15), a "regeneração" (Mat. 19:28), "tempos de refrigério" (Act. 3:19) e "o mundo vindouro" (Heb. 2:5).

**3. Seu Governo.** Sua Cabeça será Cristo (Apo 19:16). Seu carácter: Um reino espiritual, natural e político, que produzirá paz, equidade, justiça, prosperidade e a glória de Deus (Isa. 11:2-5). Sua capital será Jerusalém (2:3).

**4. Satanás.** Durante este período Satanás estará acorrentado, sendo liberto no final desse período, para liderar uma revolta final contra

Cristo (Apo 20). Satanás será derrotado e lançado definitivamente no lago de fogo.

#### **IV. OS DIVERSOS JUÍZOS FUTUROS**

##### **O Tribunal de Cristo:**

1. Tempo: Depois do arrebatamento da Igreja.
2. Lugar: No céu.
3. Juiz: Cristo.
4. Participantes: Todos os membros da Igreja "Corpo de Cristo".
5. Base: Obras ao serviço da Igreja, no quadro do "Mistério".
6. Resultado: Galardões ou perda de galardões.
7. Textos: 1 Coríntios 3:11-15; 2 Coríntios 5:10.

##### **O Julgamento dos Crentes Messiânicos (Israel e Prosélitos):**

1. Tempo: Na segunda vinda de Cristo à terra.
2. Lugar: Vale de Josafá (Joel 3:2)
3. Juiz: Cristo.
4. Participantes: *Todos os crentes que esperavam o Reino Messiânico na terra: Mateus 20:1-16; 25:1...; 14...; 31...; Lucas 19:11-27, desde Abel até ao último que se converta na G. T. (Lucas 13:22-30). Temos aqui um julgamento dos crentes, e não é o "Tribunal de Cristo". É que os crentes do Reino também serão julgados segundo as suas obras e receberão as recompensas no Reino segundo o que tiverem feito: ou bem ou mal. (Nota do Redactor)*
5. Base: Uso dos talentos e vida de acordo com a doutrina messiânica.
6. Resultado: Receberão mais ou menos cidades, mais ou menos talentos, mais ou menos privilégios no Reino.
7. Textos: Mateus 20:1-16; 25:1...; 14...; 31...; Lucas 19:11-27.

##### **O Julgamento das Nações (Gentios):**

1. Tempo. Na segunda vinda de Cristo.
2. Lugar. Na Terra, no "deserto dos povos" (Eze. 20:35).
3. Juiz. Cristo.
4. Participantes. Separação do trigo do joio... (Mat. 13).
5. Base. Aceitação do Messias e de Israel como "irmãos do Senhor".
6. Resultado. Os salvos entrarão no reino; os perdidos serão lançados no lago de fogo.
7. Textos. Ezequiel 20:33-38; Mateus 25:31-46; Joel 3:2.

##### **O Julgamento dos Anjos:**

1. Tempo: Provavelmente durante o Milénio.
2. Lugar: Na terra, e só os anjos não caídos, pois estes já estão condenados, e aguardam serem lançados no Lago do Fogo, como o "anjo do abismo" e "Satanás".
3. Juiz: Cristo e os crentes.
4. Participantes: Os santos Anjos.
5. Base: No sentido da sua direcção e dependência, e não tanto de condenação, como se diz!
6. Resultado: Os crentes dirigirão os anjos, pois eles estarão ao nosso serviço (Hebreus 1:14).
7. Textos: 1 Coríntios 6:3.

##### **O Julgamento dos Mortos Perdidos:**

1. Tempo: Depois do Milénio.
2. Lugar: Perante o Grande Trono Branco.
3. Juiz: Cristo.
4. Participantes: Todos os não-salvos desde o princípio da humanidade.
5. Base: O que os faz serem julgados é a rejeição da salvação em Cristo, mas o fogo do juízo é a demonstração de que pelas próprias más obras merecem a punição eterna.
6. Resultado: O lago de fogo.
7. Texto: Apocalipse 20:11-15.

(Da Bíblia Ano tada "Mundo Cristão" – Adaptado)

## AS RESSURREIÇÕES E O MISTÉRIO

***“Porque assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também serão todos vivificados em Cristo”*** (1 Cor. 15:21-22)

Escusado será dizer que os que não manejam bem a Palavra da Verdade vêm-se num grande dilema ao abordarem a ordem das ressurreições. Até mesmo o muito estimado Scofield "patinou" ao efectuar a abordagem a este tópico. Ao comentar a ressurreição do Corpo de Cristo no Arrebatamento, em I Tes. 4:13-17, ele escreveu: «Não apenas os santos que pertencem à Igreja, mas os corpos de todos os salvos, de todas as dispensações, estão incluídos na primeira ressurreição (Ver nota em 1 Cor. 15:52), como é aqui descrita. No entanto, ela é peculiarmente a "bem-aventurada esperança" da Igreja (cf. Mat. 24:42; 25:13; Luc. 12:36-48; Act. 1:11; Fil. 3:20,21; Tito 2:11-13)».

Se a ressurreição que Paulo se refere é a primeira ressurreição como Scofield disse, então como é que a ressurreição que se segue, sete anos depois, pode ser chamada a primeira ressurreição (Apo. 20.6)? É óbvio que esta interpretação, uma vez pesada na balança, é achada em falta. Uma vez mais, a solução para o problema encontra-se no manejo correcto e dispensacional da Palavra de Deus. Mantendo isto em mente, esperamos, com a ajuda de Deus, apresentar-lhe alguns pensamentos ajudadores para sua consideração.

### A ORDEM DA RESSURREIÇÃO SEGUNDO A PROFECIA

***“Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na Sua vinda”*** (1 Cor. 15:23).

Partindo do princípio que compreendemos que a maior divisão na Palavra de Deus é “Profecia” e “Mistério”, nos versículos 23-28 o apóstolo introduz-nos na **ordem profética das ressurreições** futuras. **«Mas cada um por sua ordem»**. Esta passagem refuta a ideia de que haveria uma ressurreição geral (como os Católicos Romanos ensinam), pois a palavra “ordem” é um termo militar que é usado para descrever diferentes grupos de soldados. Sabemos que Paulo não era um militar, contudo ele estava bastante familiarizado com os procedimentos do exército Romano. Afinal ele fora prisioneiro de Roma durante um número considerável de anos.

Podemos imaginar o apóstolo a observar através duma janela a marcha dum batalhão de soldados. Ao inquirir sobre o seu destino, um dos guardas diz -lhe que foram comissionados a governar, em nome de César, determinada cidade. Algum tempo depois um outro batalhão de soldados passa. Todavia, desta vez, Paulo é informado que o Imperador está aborrecido com este grupo, e por isso envia-os para as ferozes batalhas da linha da frente - a morte certa espera-os! Semelhantemente, há diferentes grupos que marcharão do sepulcro no tempo designado por Deus: uns para a vida eterna e outros para a condenação eterna!

As Escrituras declaram que **“Cristo é as primícias dos mortos”**. As “primícias” implica que precede uma grande ceifa. É a primeira ceifa e por conseguinte, um ante gosto do que se seguirá. Apesar de terem havido numerosas ressurreições antes de



Cristo, Ele foi o primeiro a conquistar a morte ao ressuscitar vitoriosamente sobre este inimigo terrível. Os que ressuscitaram antes dele voltaram a morrer e aguardam a verdadeira ressurreição. Assim, a Sua ressurreição corporal é a garantia da grande ceifa que está para acontecer.

Paulo mostra-nos claramente como é que, segundo a ordem profética, o primeiro grupo ressuscitará: **«... depois, os que são de Cristo na Sua vinda»** (Ver. 23). Notemos cuidadosamente que o Apóstolo não diz que somos nós "que somos de Cristo na Sua vinda", mas **"os"**, que é uma referência inequívoca a todos os santos que, no quadro da Profecia, desde Abel até ao último que morrer antes da vinda do Senhor à terra, possuíam a esperança terrena. Quando Cristo voltar na Sua Segunda Vinda, no fim da Grande Tribulação, Ele ressuscitará estes santos com o propósito único de introduzi-los no Seu Reino Terreno.

Segundo o Programa Profético, então, esta é a primeira ressurreição, referida algumas vezes como a ressurreição para a vida eterna, e inclui todos os salvos da Dispensação Profética anterior. Ademais, os crentes que morrerem durante o período da futura Grande Tribulação também serão contados neste nobre grupo.

**«Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com Ele mil anos»** (Apó. 20:6).

E, embora na descrição seja empregue um simples advérbio **«depois»**, para destrinçar a ressurreição das *Primícias* (que é a de Cristo) e a *Primeira Ressurreição*, (que ocorrerá no fim da Grande Tribulação e antes do Milênio), o período de tempo que separa estes eventos é de milhares de anos, assim como será o tempo que separa a primeira ressurreição da segunda ressurreição (ou segunda morte, a dos perdidos, como veremos a seguir).

## A SEGUNDA RESSURREIÇÃO

Na profecia, a primeira e a segunda ressurreições são usualmente mencionadas juntas, como podemos observar nas seguintes passagens:

**«E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão; uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno»** (Dan. 12:2).

**«Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a Sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida, e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação»** (João 5:28,29).

Apesar de poder parecer que a segunda ressurreição se segue imediatamente à primeira, o texto de Apocalipse 20.5 revela o contrário. **«Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram...»**. Esta passagem indica claramente que há mil anos de intervalo entre estes dois eventos.

Tendo em conta os parênteses existentes em Apocalipse 20:4-7, poderíamos entender melhor a ideia deslocando as orações gramaticais e agrupando-as em função do assunto que trata, do que resultaria o texto nesta ordem: **«(4) E vi tronos; e assentaram-se sobre eles... e vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela Palavra de Deus... e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. (5b) Esta é a primeira ressurreição. (6) Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição: sobre este não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com Ele mil anos. (5a) Mas os outros mortos (os perdidos) não reviveram até que os mil anos se acabaram. (7a) E acabaram-se os mil anos...»**.

Ora, o texto **5a**, que se refere à segunda parte, ou à morte eterna, embora esteja entre o relato da primeira ressurreição, ela só ocorrerá mil anos depois desta ter ocorrido.

Após o fim do Reino Milenial de Cristo na terra Paulo continua a explicar em 1 Cor. 15:24-26: **«Depois virá o fim, quando tiver entregue o Reino a Deus, O Pai, e quando houver aniquilado todo o império, e toda a potestade e força. Porque convém que reine até que haja posto todos os inimigos debaixo de Seus pés. Ora o último inimigo que há-de ser aniquilado é a morte (a segunda morte)».**

A segunda morte envolve todos os perdidos de todos os séculos. Serão ressuscitados no fim do Milênio com corpos capazes de suportar o castigo eterno - pensamento terrível, para dizer no mínimo! Terão que comparecer diante do Senhor, no Grande Trono Branco.

O apóstolo João escreve estas palavras em Apocalipse 20:12 - **«E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida. E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras».**

Estimado leitor, temos sido frequentemente interpelados por muitos que, perplexos com a onda de violência no mundo, nos perguntam, "Porque é que Deus não intervém?", ao que temos respondido, "Crê que o fará, amigo! Crê que o fará!"

O texto atrás transcrito descreve uma cena arrepiante. João vê os mortos, isto é, os espiritualmente mortos, que estão em inimizade com Deus. Ele vê grandes e pequenos - reis e plebeus; crianças com responsabilidade imputada, e adultos. "E abriram-se os livros..." Provavelmente em adição aos registos onde Deus arquiva meticulosamente as suas obras, incluem-se nestes "livros" as Sagradas Escrituras, pois Deus julgará os segredos dos homens segundo a Sua Palavra (Rom. 2.16).

**«E abriu-se outro livro, que é o da vida...»** A maioria dos crentes crê que sempre que um pecador é salvo o seu nome é inscrito no Livro da Vida. No entanto as Escrituras ensinam que foram efectuadas

reservas para **toda a gente** antes da fundação do mundo. David escreve nos Salmos sob a direcção do Espírito Santo: **«Aproxima-te da minha alma, e resgata-a; livra-me por causa dos meus inimigos... diante de Ti estão todos os meus adversários... Acrescenta iniquidade à iniquidade deles, e não entres na tua justiça. Sejam riscados do livro dos vivos, e não sejam inscritos com os justos. Eu, porém, sou pobre e estou triste; ponha-me a tua salvação, ó Deus, num alto retiro»** (Sal. 69.18,19,27,28).

Como é que Deus poderia riscar do Livro da Vida os nomes dos inimigos de David, se eles não tivessem lá sido escritos anteriormente? Note, leitor, que de facto o nome de toda a gente foi ali registado. Ao confiarmos em Cristo como nosso Salvador pessoal os nossos nomes são ali selados pelo Espírito Santo. No entanto, se alguém rejeita o evangelho, e morre nos seus pecados, o seu nome é riscado do livro dos vivos. Por isso, João diz em Apocalipse 20:15 - **«E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo».**

Quando os anjos abrirem este livro apenas um enorme espaço em branco jazerá no sítio onde antes o nome do descrente uma vez estivera. Isto constituirá um testemunho contra ele, confirmando a verdade de que todo aquele que crê não sofrerá a condenação eterna (João 3.18). Esta é a segunda morte ou **a separação** eterna de Deus. Aquele que é Santo e Justo não terá outra alternativa, senão lançá-los no Lago de Fogo. A Sua justiça terá que ser exercida para que a Sua santidade seja preservada.

### **A RESSURREIÇÃO** **SEGUNDO O MISTÉRIO**

(OU: O ARREBATAMENTO)

**«Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados; num momento,**

***num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados***” (1 Cor. 15:51,52).

Agora o apóstolo aborda a nossa ressurreição.

Uma vez que Paulo era membro do Corpo de Cristo era necessário mudar os pronomes de "os" para "nós", visto ele voltar agora a sua atenção para a nossa esperança. ***“Nem todos nós dormiremos”***. Uma geração grande e gloriosa escapará à morte e será transformada e trasladada para a glória instantaneamente. Ainda que esse momento de triunfo seja precedido da ressurreição daqueles membros do Corpo que entretanto experimentaram a morte.

***«Dizemo-vos, pois, isto, pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. (...) e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós... (...) e assim estaremos sempre com o Senhor»*** (1 Tes. 4:15-17).

Daqui em diante, para nos ajudar a distinguir esta ressurreição da chamada primeira ressurreição referir-nos-emos a ela como a **ressurreição secreta**. Como veremos, esta pertence somente aos membros do Corpo de Cristo. Portanto, todos os que morreram em Cristo desde a conversão do apóstolo Paulo até ao soar da trombeta serão numerados com este grupo de santos.

Lembremo-nos que é o Corpo que se vai ligar à cabeça; a noiva é que se vai juntar ao Noivo.

Há duas passagens Bíblicas que consubstanciam isto, sem sombra de dúvida. A primeira, quando Paulo conforta os santos em Tessalónica, revelando que os que ***“...crêem que Jesus morreu e ressuscitou...”*** ressuscitarão no Arrebatamento. É significante pela

seguinte razão: Estes termos de salvação são únicos na revelação de Paulo, limitando assim a esfera desta ressurreição à Igreja - Corpo de Cristo.

A segunda, em Filipenses 3:11, quando o apóstolo declara, ***“Para ver se de alguma forma posso chegar à ressurreição dentre os mortos”***. A palavra aqui usada pelo Espírito Santo para ressurreição é um substantivo composto (Gr. ***Exanastasis***) e significa literalmente "ressurreição **de entre os mortos**". Será bom acrescentar aqui que este termo apenas é encontrado no Novo Testamento e é exclusivamente Paulino.

A esperança de Paulo, como também a nossa, é ser ressuscitado "de entre os mortos", isto é, de entre os santos proféticos mortos a quem atrás nos referimos brevemente. Assim, a **ressurreição secreta** é um evento distinto que nunca deveria ser confundido com a primeira ressurreição no fim da Grande Tribulação. A frase ***“para ver se de alguma forma posso chegar”*** não é uma expressão de dúvida, pois não está a por em causa a sua ressurreição. O Apóstolo está usar uma figura de estilo, chamada em português **sinédoque**, e que consiste em tomar o todo pela parte. Assim, e de acordo com o contexto, ele quer-se referir não à ressurreição em si, mas ao que a ressurreição lhe trará: ***«o prémio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus»*** (Fil. 3:15).

*P.S., In Embaixador (Adaptado)*



## A PARTIDA

Os acontecimentos preocupantes para a humanidade que se assistem hoje, tem lavado alguns crentes a pensar que estamos perto da vinda do Senhor, que é como supor que estamos a passar pela Grande Tribulação que falaram os profetas do Velho Testamento, o Senhor Jesus Cristo no seu ministério terreno, e mesmo os Apóstolos Pedro e João.

Mas esta preocupação já era sentida pelos Tessalonissenses, de forma que Paulo teve de lhes escrever uma Segunda Epístola, esclarecendo que o "Dia do Senhor" não pode ocorrer com a Igreja "Corpo de Cristo" na terra, e outros eventos preliminares.

Também é verdade que a cristandade está dividida na compreensão desta verdade, inclusivamente muitos estudiosos das Escrituras, nas diferentes posições das suas especializações.

Na verdade, a grande razão que tem impedido os crentes de entenderem correctamente as Escrituras continua a ser a descompreensão dos dois grandes planos de Deus para o homem: um celestial – a Igreja "Corpo de Cristo, e outro terreno – Israel. E esta compreensão de uma forma geral, por que, outro lado, e de uma forma mais pormenorizada, também tem havido alguma descompreensão de determinados assuntos, uma vez que os crentes estudam as Escrituras com conceitos pré-definidos, que os impedem de crescer e melhorar os seus conhecimentos acerca de Deus, da sua Obra e dos Seus propósitos.

### A REVELAÇÃO DO ARREBATAMENTO

As Epístolas aos Tessalonissenses são um verdadeiro tratado da Vinda do Senhor, quer no quadro do Mistério, que trata da vinda do Senhor para a sua Igreja, quer no quadro da Profecia, que trata da vinda do Senhor para Reinar.

Os Tessalonissenses debateram-se com alguns problemas, resultantes de experiências pessoais, mas também por intromissão de alguns que tentaram perturbar a fé daqueles crentes. Por isso, Paulo, preocupou-se em doutriná-los deste importante assunto, e o fez pessoalmente (II Tes. 2:5), por uma primeira, e por uma segunda carta, que visava especialmente esclarecer algumas dúvidas que entretanto tinham surgido, e combater algumas correntes erradas acerca da vinda do Senhor e que iam aparecendo por ali (2:1-3).

Por isso está escrito:

***"Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e PELA NOSSA REUNIÃO COM ELE, que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia do Senhor (assim no grego) estivesse já perto (presente). NINGUÉM DE MANEIRA ALGUMA VOS ENGANE; PORQUE NAO SERÁ ASSIM SEM QUE ANTES..."*** (II Tes. 2:1-3).

### IMPORTÂNCIA DO ASSUNTO

Face aos acontecimentos que se vêm assistindo no dia a dia, e pela forma intensificada como eles

ocorrem, muitos crentes têm dado mais importância aos acontecimentos (que podem ser enganosos, e não corresponder com os acontecimentos dos últimos dias) que às Escrituras, uma vez que elas dizem exactamente o contrário do que é comum supor-se.

Assim, e para combater a tendência das opiniões, muitos estudiosos das Escrituras têm observado, em tom de desculpa, que nada nos é dito acerca do tempo cronológico do arrebatamento. Dizem: não podemos afirmar que a Igreja seja arrebatada antes da Grande Tribulação, a meio dela, no fim dela, ou no fim do Milénio, como há alguns que o crêem. No entanto, não é por pensarem assim que o arrebatamento deixará de acontecer antes da Grande Tribulação: seja pela ordem cronológica das coisas, seja pela própria natureza de cada uma das revelações, que reveste a vinda do Senhor.

Sobre isso, resta-nos dizer o seguinte: Há muitos assuntos que não estão claramente revelados de forma que a mente humana tenha uma compreensão nítida e clara deles, nomeadamente à natureza Triuna de Deus, ao tempo da criação, há cronologia dos patriarcas, à vida particular do Senhor, a alguns autores de livros da Bíblia, etc.. Mas, mesmo assim, não pomos em causa a sua veracidade e autenticidade.

Este estudo, portanto, não visa dar uma explicação definitiva deste assunto, mas alertar-nos para alguns pontos que não têm sido bem entendidos, e com isso despertar-nos para a grande verdade da nossa esperança: o arrebatamento. Pois, quanto mais compreendermos o assunto do arrebatamento, mais razões temos para nos consolarmos mutuamente (I Tes. 4:18), para nos santificarmos (I Joa. 3:1-2), e para

vivermos de forma a lhe agradecer (I Cor. 4:5).

Mais, ainda, este estudo não procura alterar os nossos conceitos da Vinda do Senhor, mas confirmá-los; e é por isso que dou graças a Deus neste momento, porque este estudo vem confirmar aquilo em que cremos, porque cremos na Verdade. E este é um facto importante, porque muitos são os crentes que crêem em muitas verdades das Escrituras, mas falta-lhes matéria, bases e conhecimentos que lhes sirvam para sustentar a sua fé (doutrina em que crêem), e demonstrá-la aos demais que procuram conhecê-la do mesmo modo.

### O ESCAPE

Os Tessalonissenses pensavam que as tribulações que estavam a passar (I Tes. 3:3; II Tes. 1:7), era já a experiência do “Dia do Senhor”, que era como dizer, que estavam em plena Grande Tribulação. Mas, não. O Apóstolo diz-lhes que esse dia não virá sem que antes ocorra a “**Partida**” da Igreja, e se manifeste o homem do pecado (2-3). E, assim está escrito:

***“Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia (gr. «partida»), e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição...”*** (vers. 3)

A palavra “Apostasia” deste texto é a tradução da palavra grega “apostasia”, que tem um significado diverso àquele que lhe é dado na língua portuguesa. “Apostasia”, no grego, significa “**partida**”.

Em português, “Apostasia”, denota a ideia de abandono da fé, de uma crença, subentendendo uma reacção

negativa e activa a um conceito inicial, como rebelião, oposição, insurreição, indisciplina e revolta.

Assim, a passagem referida deveria ler-se assim:

***“Ninguém de maneira alguma vos engane, porque não será assim (a vinda do “Dia do Senhor”) sem que antes venha a partida, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição...”*** (vers. 3).

Todo o contexto, como veremos adiante, e a própria carta aos Tessalonissenses antecedente, da qual esta é um seguimento, foi escrita por Paulo às mesmas pessoas, e sustentam firmemente o testemunho de que **“a partida”** referida é a partida dos crentes para o encontro com Cristo nos ares. É, como veremos também, esta carta só é compreendida com a anterior; bem como a anterior, sem esta, fica como que incompleta, na compreensão escatológica da Palavra de Deus. A Primeira Epístola dá relevo à vinda de Cristo segundo o “Mistério”; A Segunda dá relevo à vinda do Senhor segundo a Profecia, diferenciando-as uma da outra, mas enquadrando-as na Revelação global do Plano de Deus.

## **ESTUDO DA PALAVRA**

Pode ser um grande obstáculo para entendermos determinados assuntos Bíblicos, o estudo pré-concebido, ou seja, tentar estudar a Bíblia, não para conhecer a Vontade de Deus, mas para comprovar que o que crêem está certo. Isso de facto pode acontecer, como aconteceu comigo sobre este assunto, noutra tempo. Mas é consolador e gratificante podermos crescer no

conhecimento de Deus e dos Seus propósitos, no percurso da maturidade plena (Efé. 4:11-14). É por isso, pois, que não devemos arranjar uma Bíblia para a nossa doutrina (como servem algumas versões mais recentes), mas descobrir, pela Graça de Deus, qual a doutrina da Sua Palavra.

E isso acontece com este conceito de “Apostasia”. Para muitos, a palavra grega “Apostasia”, significa o mesmo que em português. No entanto, só a palavra é que é a mesma; o seu significado é diverso. São, por isso, palavras homógrafas: que têm a mesma grafia, mas o seu sentido é diferente.

Esta palavra, “Apostasia”, no original grego, é um substantivo e ocorre só duas vezes no N.T.: aqui e em Actos dos Apóstolos 21:21, que se refere a Paulo, quando ele foi informado da acusação que lhe era feita, de que ele estava a ensinar a “todos os Judeus que estão entre os Gentios, a se apartarem de Moisés”.

A citação aqui daquela palavra exprime bem o seu sentido original, ou seja, “apartar” não é exactamente revoltar ou rebelar contra alguém, como o é o significado de “apostasia” em português, mas simplesmente de “sair de...”, “deslocar-se”, “partir de uma posição inicial”, etc.. Além disso, neste caso concreto, somos explicitamente informados de que esses Judeus estavam a ser ensinados a apartarem-se de Moisés, indicando que a palavra “apostasia” (no grego) por si só, não significa “uma partida da verdade”, mas simplesmente “uma partida”.

Este substantivo deriva do verbo grego “aphistemi” (partir), que ocorre quinze vezes no chamado “Novo Testamento”.

Ora, é elementar o método de estudo que se debruça em examinar as

ocorrências e usos das palavras. É uma abordagem na generalidade dos casos que nos dá uma compreensão mais perfeita do seu significado intrínseco. E é isso que vamos fazer para compreender melhor o sentido da raiz desta palavra, para chegarmos ao entendimento dos seus derivados.

Assim, apresentamos aqui uma lista de todos textos sagrados onde aparece o verbo:

Lucas 2:37 - "não se apartava do templo..."

Lucas 4:13 - "o diabo ... ausentou-se d'Ele."

Lucas 8:13 - "no tempo da tentação se desviam."

Lucas 13:27 - "apartai-vos de Mim todos vós que praticais a iniquidade."

Actos 5:37 - "levou muito povo após si."

Actos 5:38 - "Daí de mão a estes homens."

Actos 12:10 - "o anjo se apartou dele."

Actos 15:38 - "aquele que desde Panfilia se tinha apartado deles."

Actos 19:9 - "retirou-se deles."

Actos 22:29 - "dele se apartaram."

II Cor. 12:8 - Orei ao Senhor para que se desviasse de mim."

I Tim. 6:5 - "aparta-te dos tais."

I Tim. 4:1 - "apostatarão alguns da fé."

II Tim. 2:19 - "aparte-se da iniquidade."

Heb. 3:12 - para se apartar do Deus vivo."

O leitor devia observar cuidadosamente que em 8 das 15 ocorrências, o verbo em questão é traduzido por "apartar". É de notar, ainda, que em outras 4 passagens onde o verbo apartar ou o seu sentido verbal ocorre, tem a mesma ideia de "apartar" (Luc. 4:13; Act. 5:38; 19:9; 2 Cor. 12:8).

Só três das quinze ocorrências dizem respeito à partida da verdade. Em duas delas é declarado claramente que a partida é "da fé" (1 Tim. 4:1) e do "Deus vivo" (Heb. 3:12), enquanto que a 3ª implica claramente um partida, ou "desvio" daquilo que "creram por algum tempo" (Luc. 8:13), deixando o significado do verbo "*Aphistemi*", em cada caso, a um simples "partir", independentemente do quê. A ideia é exclusivamente de uma "partida". E estas são as únicas três passagens das 15 acima citadas onde a partida ou desvio da verdade está implícita. Nas outras doze ocorrências o significado da palavra em si é simplesmente de "partida", e nada mais.

Mais significativo são as referências a uma apostasia do erro, isto é, uma partida oposta ao desvio da verdade. Ou seja, se esta palavra, por si só, fosse entendida como "o desvio da verdade", então como entenderíamos que nos devemos "apartar dos homens contenciosos" (I Tim. 6:5), e da "prática da iniquidade" (II Tim. 2:9)? Daí ser necessário usar um complemento directo ou indirecto, para determinar o tipo de "partida" que o texto se refere.

Se "apostasia" (grego) e "*Aphistemi*" quer dizer o que em português a palavra "apostasia" e "apostatar" querem dizer, porquê, então, é que o Apóstolo Paulo, quando usa o verbo "*Aphistemi*", em 1 Tim. 4:1, sente a necessidade de usar o qualificativo "da fé"? Por isso, a palavra em causa, "apostasia" no seu significado e uso original, não pode significar outra coisa que não "a partida" – desde que essa compreensão não seja adulterada e influenciada pela sedição de outras ideias impostas sobre ela.

Então, “o Dia do Senhor” não virá sem que antes seja revelado o homem do pecado; e antes que ele se manifeste, deve acontecer “a partida” da Igreja deste mundo, ou seja, deve acontecer o arrebatamento.

Alguns crentes pensam que esta referência é algo que não está claro nas Escrituras, nem no ensino do Apóstolo Paulo, inclusive nestas Epístolas aos Tessalonissenses. Mas elas complementam-se. Como já foi observado, não podemos entender a Primeira Carta sem a Segunda, e a Segunda Carta só é entendida com o conhecimento da Primeira.

Por isso, quando o Apóstolo Paulo lhes fala da “partida”, não lhes está a falar de uma coisa nova. Ele já se tinha referido de uma forma detalhada a uma partida na Carta anterior: o arrebatamento da Igreja descrito em I Tes. 4:13-18. Foi devido à confusão nas mentes daqueles crentes recém convertidos, que o Apóstolo lhes repete a ideia da **«Partida»**, particularmente pela assimetria entre os eventos associados com a vinda do Senhor e as experiências que viviam nos seus dias, que eram de tribulação. Por outro lado, parece que estes crentes tinham recebido uma carta de alguém, como se o autor fosse o Apóstolo Paulo; Outros, consciente, ou inconscientemente, estavam a tentar enganá-los: se por conveniência pessoal ou não, não sabemos, mas estavam a induzir estes crentes ao erro com os seus ensinamentos. Alguns, ainda, diziam que tiveram uma revelação espiritual, pois Paulo diz-lhes para não se deixarem enganar, “quer com espírito” (clamando provavelmente por uma nova revelação de Deus), “por palavra” (possivelmente uma má interpretação de alguma coisa que Paulo dissera), ou, ainda, “por carta”, como se em Paulo tivesse a sua origem, e estava a levar os

Tessalonissenses a pensar que o dia do Senhor já estava em curso. E estas atitudes estavam a perturbar os crentes e a sua fé, como é dito nos versículos 2 e 3 do capítulo 2 da II Epístola: **“Não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis (...) nem vos deixeis enganar...”**. Exactamente como acontece hoje, com a confusão existente no seio da cristandade...!

Paulo não estava a falar-lhes de uma coisa nova, nem de uma partida que eles desconheciam. Ele refere-se à única partida que lhes havia falado antes, e não podia ser outra coisa: o arrebatamento da Igreja (I Tes. 4:13-18). E isso é perfeitamente compreensível pela forma como o Apóstolo aborda o assunto: ele usa um artigo definido, que denota que há uma referência prévia a ela, e que no contexto das Cartas só pode ser o arrebatamento referido na primeira.

E mais: se Paulo se referisse a apostasia como se entende no português – a rebelião e desvio da verdade, perguntamos se já em seus dias isso não acontecia?! Não foi Paulo que disse que “todos se apartaram dele”? (II Tim. 1:15), “ninguém o assistiu” (Idem, 4:16), e “todos o desampararam” (Idem, 4:16), mesmo os seus companheiros (Idem, 4:9-18)! E se a apostasia é como se entende no português, então como é que Paulo diz que a *“iniquidade já opera”*? que é isso senão a apostasia em termos de rebelião às coisas espirituais e desvio da verdade. No entanto, aqui a “apostasia”, como no seu sentido original grego, é simplesmente **“a partida”** – no caso concreto, da Igreja “Corpo de Cristo” deste mundo.

Ele podia-lhes assegurar, **“pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e pela nossa reunião com Ele”** que o Dia do Senhor não viria sem que antes ocorresse esse momento – o



arrebatamento – e se manifestasse o homem do pecado, o filho da perdição. “O Dia do Senhor não estava presente, pois eles, como membros do Corpo de Cristo”, ainda estavam terra, ou seja, ainda não tinham partido.

Mas, para aqueles que dizem que nós já nos encontramos na Grande Tribulação, ou que passaremos por ela, perguntamos: “quem é, e onde está o homem do pecado?”

### ESTUDO DO CONTEXTO

Esta interpretação é melhor compreendida quando sintonizamos este assunto da **“Partida”** com o restante texto do capítulo e com a primeira Epístola.

O apóstolo Paulo no versículo 3 do Capítulo II de Tessalonissenses aponta dois eventos essenciais que antecedem o **«Dia do Senhor»: (1) «a Partida»**, e **(2) «a manifestação do homem da iniquidade»**. O resto do capítulo é ocupado a desenvolver estes dois eventos.

O versículo 3 não pode ser entendido sem compreendermos o capítulo todo, e em particular os versículos 6 a 8, onde o Escritor associa a manifestação do anti-Cristo à partida da Igreja deste mundo, como elemento condicionante dessa manifestação, e que precede o “Dia do Senhor”. E, quando o “homem da iniquidade” se manifestar, a Igreja já terá partido.

Na primeira Epístola, quando Paulo se refere à vinda do Senhor, ele tem o cuidado de destrinçar dois momentos distintos, ou dois acontecimentos diferentes, que são diferenciados com uma conjunção de oposição: “Mas” (grego: “*de*”), já que eles referem-se a acontecimentos

diferentes: “o Dia de Cristo” (que é a vinda de Cristo para a Sua Igreja, “o Corpo de Cristo” – e que era um Mistério – I Tes. 4:13-18) e o “Dia do Senhor” (que é a vinda do Senhor para a terra: para Israel – e está profetizada desde a fundação do mundo – I Tes. 5:1-3).

“O homem da iniquidade” (assim no original grego, “*anomia*”), deve manifestar-se antes do “Dia do Senhor” (II Tes. 2:3-4). E ele não pode manifestar-se sem que a **Partida** tome lugar primeiro. Certamente é a isso que se refere Paulo no verso 6 **“E agora vós sabeis o que o detém...”**, (gr. “*Tò Katechōn*”, lit., “*aquilo que o detém*” – gênero neutro). E, o “aquilo que o detém” é aquilo a que já se referiu antes: a partida da Igreja “Corpo de Cristo”.

O versículo 7, usa o mesmo termo, mas no gênero masculino: “*Porque já o mistério da iniquidade (gr. “anomia”, o mesmo que no vs. 3 – homem da iniquidade), opera; somente há um que agora resiste, até que do meio seja tirado*”. Ou seja, este “há um resistente”, no grego “*ho katechōn*”, (lit. “**o resistente**”), como ocorre no gênero masculino, refere-se a uma pessoa, e essa pessoa não é nem o Espírito Santo, como dizem, nem a Igreja, nem outra coisa ou pessoa qualquer. O contexto fala do anti-Cristo, que faz parte do “Mistério da Iniquidade” (gr. “*anomia*” – vers. 3, 7 e 8), que se manifesta, ou opera já, com exceção do iníquo (gr. “*anomos*” – vers. 8), pois o mistério da iniquidade, que contrasta com o Mistério de Cristo, culminará com a vinda do iníquo, assim como o “Mistério de Cristo” culminará com a Sua Vinda, no arrebatamento: “O Dia de Cristo”.

O Escritor Sagrado – e refiro-me ao Espírito Santo – teve o cuidado de usar palavras da mesma família para se

referir ao mesmo assunto, e ajudar-nos a colocar as peças no seu devido lugar, a fim de entendermos o Puzze da Iniquidade que está a manifestar-se (já opera), mas que atingirá o seu clímax com a manifestação do anti-Cristo. E elas são: “homem da iniquidade” (vs. 3 – gr. “*anomia*”), “mistério da iniquidade” (vs. 7 – gr. “*anomia*”), e “iníquo” (vs. 8 – gr. “*anomos*”).

**“Somente há um que agora resiste...”** (vers. 7). Este termo “resiste”, é a tradução da mesma palavra do versículo 6, “*katechōn*”, que significa algo que está retido, conservado, guardado sob domínio. Lucas 8:15, traduz a palavra por “reter”; Actos 27:40, traduz a palavra por “dirigir”, ou seja, controlando o barco onde Paulo ia; Romanos 1:18, como “deter” a verdade; I Tessalonissenses 5:21, por “reter” o bem; Filémon 13, traduz o termo por “conservar” Onésimo, entre outras ocorrências (17 no chamado NT).

Vejam outras versões deste texto: “Com efeito, o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém” – JFA, Edição Revista e Atualizada.

“... Somente há um que agora o detém até que seja posto fora;” – RNC, Brasil.

“... Tão somente com que seja tirado do meio o que agora o retém” – Bíblia de Jerusalém.

“... Esperando apenas o desaparecimento daquele que o impede” – Capuchinhos.

“... Mas aguarda somente que seja afastado aquele que o retém.” – E. Franciscana.

“... Somente que há quem no presente o detém, até que ele, por sua

vez, seja tirado do meio” – Reina Valera.

“... Até que do meio seja tirado...” – Dr. W. Kelly.

Parece que há alguma dificuldade na tradução deste texto. Mas, o contexto apoia a versão tradicional de JFA, apoiada por várias outras versões nacionais e estrangeiras, nomeadamente King James, JNDarby, American Standard Version, entre outras.

A ideia transmitida pelo contexto é a seguinte:

*“A iniquidade já opera misteriosamente (subtilmente). Mas para se tornar completa, há um que até agora resiste: o detido, até que do meio (do abismo) seja tirado (libertado); e então, depois disso, o iníquo será revelado, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca, (quando vier em poder e glória, conforme Apo. 19:11).*

Vejam alguns textos orientados pelo sentido que o contexto nos dá:

“... Aguarda, somente que seja manifestado aquele que está detido”; penso que assim transmitiria melhor a ideia, pois está a falar do Mistério da Iniquidade e não de um agente activo que detém algo ou a alguém;

“... Tão somente com que seja tirado do meio aquele que até agora está detido”;

“... Esperando, apenas, o aparecimento daquele impedido...”;

“... Só (há) o (aquele) detido no momento, até ser do meio (tirado)...” – Esta é uma transliteração das palavras gregas.

Ou seja:

*“E agora vós sabeis aquilo (a Partida) que o detém (ao iníquo), para que a seu próprio tempo seja manifestado. Porque já*

*o mistério da iniquidade opera; somente há aquele (o iníquo) retido até que do meio seja tirado”.*

Ou, ainda:

*“E agora vós sabeis que a partida detém o homem da iniquidade, para que a seu próprio tempo seja manifestado. Porque já o mistério da iniquidade opera; somente o iníquo está agora a ser retido até que do meio seja tirado; E então será revelado, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca, e aniquilará pelo esplendor da sua vinda;”*

Paulo está a falar do homem da iniquidade (3), e diz que algo detém a sua manifestação, que está reservada para o tempo determinado, que será após a Partida da Igreja (6). No entanto, e embora ele ainda não se tenha manifestado, aquilo que o caracteriza – a iniquidade – já se manifesta, operando no mundo (7a). Mas, para que esta operação seja completa, aguarda a manifestação do próprio iníquo – que é a encarnação da iniquidade – que está reservado para o devido tempo.

Diz o Dr. Roberto Jamieson, DD, o seguinte: “somente... o que agora impede... Somente, é como que dizer, a continuidade da operação da iniquidade será mistério até que seja tirado aquele que agora está impedido. Então, a iniquidade não operará mais em segredo, ou como mistério, mas de uma forma clara e aberta.”

Portanto, o Apóstolo está a falar no versículo 7 da iniquidade que se manifestará na Grande Tribulação em força, sob a liderança e personificação do iníquo, até que o Senhor venha para destruí-lo (8). Mas, enquanto o líder da iniquidade não se manifesta, esta vai operando de uma forma misteriosa, subtil, preparando o seu aparecimento (vers. 9-10).

Este “iníquo” está detido no abismo, que é o “Tártaro” (II Ped. 2:4; Jud. 6), - ou seja, “o lugar mais profundo do Hades”, onde alguns anjos estão reservados para o tempo do fim – pois a seu tempo vai subir do seu lugar: o abismo, como também é chamado: “o anjo do abismo” (Apo. 9:11; 17:8).

Assim, o “aquilo” (vers. 6) que detém o iníquo é a “partida da Igreja” (vers. 3); e, o “um que resiste até que do meio seja tirado”, é o próprio iníquo, que no quadro do mistério da iniquidade, é a única coisa que até agora ainda não opera, mas que a seu tempo se manifestará. Por isso é que a “iniquidade” é chamada de mistério, também, pois ela ainda não se desvendou plenamente, pois o seu expoente máximo é o próprio iníquo. Este, como ainda não foi revelado, ainda não deu a “cara”, é ainda um mistério, que será desvendado na Grande Tribulação. «Aqui há sabedoria» (Apó. 13:18), cujo sentido só será entendido plenamente pelos crentes na G. T..

Em suma, e não é demais repisar a ideia, o “aquilo” do versículo 6 refere-se ao elemento condicionante da manifestação do iníquo; enquanto, o “um que resiste”, é o sujeito passivo da manifestação do iníquo: a própria pessoa, e não um eventual sujeito activo, como seria o Espírito Santo, ou outro agente qualquer, que estivesse a impedir a sua manifestação, como tem sido ensinado pela generalidade dos ensinadores das Escrituras. Mas nem o texto, nem o contexto, e nem os demais Escritos Sagrados apoiam esse entendimento. É costume dizer-se, em relação à dificuldade que tem havido em entender a mensagem do

Apóstolo, que só os Tessalonissenses é que sabiam o que era o “aquilo que o detém”, e o “aquele que até agora resiste”, e que não sabemos ao certo o que será... supõem-se, simplesmente...! Mas, depois de compararmos os textos e aprofundarmos o sentido das palavras empregues pelo usos feitos com as mesmas, não restam dúvidas que o texto refere-se aos dois acontecimentos que antecedem “o Dia do Senhor”, conforme já observamos acerca do versículo 3: (1) a “Partida da Igreja”, e que é referida no versículo 6; e, (2) a “manifestação do Iníquo”, que é desenvolvido nos versículos 7 e 8.

Por outro lado, se o “*um que agora o detém*”, fosse o Espírito Santo, que detém o “Mistério da Iniquidade”, “*até que do meio seja retirado*”, pressupõe que o Espírito Santo se retire da terra (do meio), no momento do arrebatamento, o que é falso, pois vai contra toda a revelação Profética, embora essa opinião seja partilhada por muitos eruditos das Escrituras. No entanto, isso não acontecerá, pois, a presença do Espírito Santo nos crentes faz parte das promessas de Deus para os crentes do Reino, a cumprir-se antes do “Dia do Senhor”, e a que Pedro se referiu no seu discurso de Actos 2:16-21, com total sintonia com os profetas (Isaías, Joel, Daniel, Etc.)

Face ao exposto, penso que não há lugar a dúvidas a todas as questões que se levantam, presumindo que Paulo aqui não podia ser mais claro. Pois, de acordo com o contexto, e com o uso das palavras empregues, e a família das mesmas, a compreensão é clara e indubitável.

### CONCLUSÃO

“Não vos lembrais de que estas coisas vos dizia...” (vers. 5), ou seja, tudo isto não era novidade. O Apóstolo já os havia esclarecido, tanto quando esteve entre eles, como com a carta anterior.

“Para que a seu próprio tempo seja manifestado” (vers. 6), ou seja, os tempos e as estações de I Tes. 5:1, que são os tempos profetizados no V.T., e que só serão reatados após a partida da Igreja.

Outra evidência de que a Igreja da presente Dispensação não passará pela Grande Tribulação, e como tal, não enfrentará o iníquo, é que no versículo 13 o Apóstolo diz que fomos eleitos para salvação, ou seja, a salvação da ira e da condenação, que no contexto é a Grande Tribulação, e não tanto a salvação eterna.

Assim, em adição às muitas provas claras de que o arrebatamento do “Corpo de Cristo” precederá a Grande Tribulação, temos também uma passagem que afirma explicitamente isto, como tivemos oportunidade de verificar e confirmar: “Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras” (I Tes. 4:18). E, como é que eles se poderiam consolar se passassem pela Grande Tribulação?

**“Não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis...” (II Tes. 2:2);**

**“Ninguém de maneira nenhuma vos engane...” (Idem, 2:3).**

### CONTRASTES ENTRE AS DUAS VINDAS

A Vinda de Cristo para a Igreja chama-se de “Dia de Cristo” (Fil. 1:6; 2:16); enquanto que a Vinda de Cristo para Israel e para a terra, é chamado de “Dia do Senhor” (Act. 2:20; II Tes. 2:2; II Ped. 3:10; Apo. 1:10).

A Vinda do Senhor para a Igreja desta Dispensação será aos “ares” (I Tes. 4:13-18); e a Vinda do Senhor para Israel será à terra (Zac. 14:4).

A Vinda do Senhor para o arrebatamento, é um “Mistério” desde antes da fundação do mundo (I Cor. 15:51-57); e a Vinda de Cristo para o Reino está profetizada desde o principio da fundação do mundo (Mat. 25:34; Act. 3:21-24).

No arrebatamento, os crentes terão “corpos gloriosos” (I Cor. 15:38,42-43), transformados conformes o corpo glorioso do Senhor (Fil. 3:20-21); mas os corpos dos crentes do reino estarão simplesmente controlados dos efeitos do pecado, e a carne será amansada (Isa. 9:4-9; 65:20).

Os crentes da Igreja serão levados antes da Grande Tribulação (I Tes. 4:13...), e os descrentes ficarão para passarem pela Tribulação; mas, na Vinda do Senhor para a terra, os descrentes é que serão levados (Mat. 13:40) e os crentes ficarão na terra para o reino (Idem, 13:43; Luc. 13:28-29).

A Vinda do Senhor para o arrebatamento é no quadro da sua Graça (II Cor. 6:2); e, a sua Vinda para o Reino será para julgar e pelear (Apo. 19:11).

Neste Período da Igreja “Corpo de Cristo”, o Senhor demora-se porque é longânimo, não querendo que alguém se perca (II Ped. 3:9,15); mas a sua Vinda para o Reino reveste um carácter de vingança pelos que

cometem iniquidade (Apo. 6:17; II Tes. 1:6-9; 2:11-14).

A Vinda do Senhor para a Igreja não é precedido por qualquer sinal: é num abrir e fechar de olhos (I Cor. 15:52), e é um segredo (Idem, 15:51); no entanto, a Vinda do Senhor para cumprimento da profecia, com destino a estabelecer o seu reino na terra, é precedido com sinais (Mat. 24:29-35; Act. 2:16-21), com datas (Dan. 9:23-27), e outras evidências.

Quando o Senhor vier para Reinar, em cumprimento das profecias, todo o olho o verá (Apo. 1:6-7); mas, quando vier para a sua Igreja, ninguém o verá: virá aos ares e num abrir e fechar de olhos, estaremos com o Senhor (I Cor. 15:52).

Por fim, e relativamente à vinda do Senhor para Reinar (segundo a Profecia), está escrito: «**Varões galileus, por que estais olhando para o céu?**» (Act. 1:11), ou seja, só se justifica esperar a vinda do Senhor quando se virem os sinais. Mas, para a Igreja “Corpo de Cristo”, da presente dispensação, e porque não haverá sinais da Sua vinda, por ser um mistério, somos exortados a espera-la a todo o momento (I Tes. 1:9-10; II Tim. 4:8).

E muitas mais diferenças poderíamos apontar, mas achamos que estas, no momento são suficientes para que o leitor compreenda que estamos a tratar de coisas diferentes.

Adaptado (E)



## TEXTOS CONTROVÉRCIOS

Este artigo servirá para mostrar o mau uso, ou o **uso indispensacional** das Escrituras, por parte dos ensinadores Bíblicos que induzem a Igreja ao erro do **Pós-Tribulacionismo**. Na realidade, muitos dos defensores da Verdade do Arrebatamento Pré-Tribulacionista têm usado passagens Bíblicas erradas a fim de provarem o seu ponto de vista, contribuindo, assim, inconscientemente e inadvertidamente para o avivar da Teoria Pós-Tribulacionista. Numerosos exemplos de tal desuso das Escrituras poderiam ser citados, mas neste artigo limitar-nos-emos a alguns textos mais significativos:

Para melhor compreendermos este assunto da Vinda do Senhor, no quadro Dispensacional, é importante que definamos alguns pontos básicos, que nos ajudarão a termos uma melhor percepção dos factos na sua realidade.

### Proposições Básicas:

Nas Escrituras Sagradas, a esperança da Nação de Israel é terrena (Sal. 2:8; Jer. 23:5); enquanto que a nossa é celestial (Col. 1:5; 3:1-4; Fil. 3:20);

O Senhor e os seus apóstolos não foram enviados senão “às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mat. 15:24; 10:5,6);

Se o Senhor tivesse discutido ou até mesmo aludido o arrebatamento do “Corpo de Cristo” com os seus discípulos, então nem a verdade do “Corpo”, nem a do seu arrebatamento para o céu, tinham sido guardadas em segredo até à altura de serem reveladas a Paulo – como ele

insistentemente o afirma (Efé. 3:1-3; Col. 1:24-29; I Cor. 15:51);

Se o Senhor nos Evangelhos instou com os seus discípulos para que aguardassem e esperassem pelo arrebatamento, então o arrebatamento deveria ocorrer após a Grande Tribulação, pois Ele também os preparou para esse tempo da tribulação \* (Mateus 24:3 a 25:13) (\* O facto da Grande Tribulação não ter ocorrido durante a vida dos discípulos do Senhor prova que a presente Dispensação é uma interrupção graciosa do Programa Profético – um mistério ou segredo revelado por meio de Paulo – Rom. 11:25-27). E, neste caso, o arrebatamento não poderá ser iminente, nem nós deveremos estar a “aguardar” ou a “esperar” que Cristo venha arrebatá-nos em qualquer altura, mas esperar que os sinais ocorram primeiro!

### 1.

#### **Duas dormindo... Duas no Campo... e Duas no Moinho...**

***"Então, estando dois no campo, será levado um e deixado outro;  
estando duas moendo no moinho, será levada uma e deixada outra.***

***Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há-de vir o vosso Senhor."***

(Mateus 24:40-42; Lucas 17:34-36).

Frequentemente este texto é usado como referência à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo para arrebatá os membros do seu “Corpo”. Assim, se diz que no arrebatamento da Igreja, estando dois a trabalhar no campo, um será levado e outro deixado para passar pelo dia da ira de Deus: a Grande Tribulação; e que, igualmente, sucederá com as mulheres que possam estar a moer lado a lado no moinho: uma será arrebatada para se encontrar com O Senhor e a outra será deixada para passar pela grande tribulação.

Contudo, esta passagem não tem qualquer relação com o arrebatamento do Corpo de Cristo, nem com o seu encontro com o Senhor nos ares.

A verdade da vinda do nosso Senhor para os membros do Seu Corpo foi um mistério, ou segredo que se manteve escondido até que o Senhor, já na glória, e não antes disso, o revelou ao Apóstolo Paulo, e através dele para a Igreja, aquando nas sucessivas revelações que recebeu, depois que o Senhor o chamou (II Cor. 12:1-4; I Cor. 15:51-53; I Tes. 4:15-18). A verdade do arrebatamento foi revelada, portanto, não durante o ministério dos profetas, nem durante o ministério terreno de nosso Senhor, nem pelo ministério dos doze Apóstolos em Actos dos Apóstolos, mas pelo Senhor Jesus Cristo glorificado e coroado como Cabeça da Igreja, “o Corpo de Cristo”.

Por esse facto, todas as referências feitas à vinda do Senhor antes da Revelação do Mistério, nada lhe dizem respeito, mas, antes, à vinda do Senhor conforme estava profetizada, e, por isso, para reinar. E neste quadro incluímos o texto citado de Mateus 24.

A passagem do nosso texto diz: “um será levado, e outro deixado”. Mas, onde e como um será levado e outro deixado? E que acontece ao que ficar?

Dos versículos que precedem imediatamente os da passagem em questão, depreende-se que está em vista a vinda de Cristo à terra para julgar e reinar. Esta vinda será como nos dias de Noé. As pessoas comiam, bebiam, casavam-se e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam até que veio o dilúvio e os levou a todos. Aquelas pessoas não foram levadas para a glória, mas para o juízo. E as que ficaram, não ficaram para tribulação, mas para a continuidade da vida.

Uma vez que os versículos 40 e 41 são uma continuação desta ilustração, é

evidente que os dois "levados são levados em juízo no retorno do nosso Senhor para reinar, enquanto que os dois que são "deixados", são deixados para entrar no Seu reino Milenial. Esta interpretação só é consistente com o texto completo, em que encontramos esta passagem.

Para confirmar esta compreensão, citamos alguns textos:

**“Então, tendo despedido a multidão, foi Jesus para casa. E chegaram ao pé dele os seus discípulos, dizendo: Explica-nos a parábola do joio do campo.**

**E ele, respondendo, disse-lhes: O que semeia a boa semente, é o Filho do homem; O campo é o mundo; e a boa semente são os filhos do reino; e o joio são os filhos do maligno; O inimigo, que o semeou, é o diabo; e a ceifa é o fim do mundo; e os ceifeiros são os anjos. Assim como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será na consumação deste mundo. Mandará o Filho do homem os seus anjos, e eles colherão do seu reino tudo o que causa escândalo, e os que cometem iniquidade. E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes. Então os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.”** (Mateus 13:36-43).

Como vemos, quem será levado são os descrentes e não os crentes; esses ficarão para o Reino Milenial, juntamente com aqueles que serão ressuscitados antes do Milénio, ou seja, os da “Primeira Ressurreição” (Apo. 20:4-6). Esta é que é a ressurreição profética, que inclui todos os crentes que não fazem parte da Igreja “Corpo de Cristo”, e contrasta com a ressurreição dos crentes do Mistério.

E para mostrar que assim acontecerá na vinda do Senhor para o estabelecimento do seu Reino, lemos ainda em Mateus:

**“E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; E todas as nações serão reunidas diante**

dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas; (...)

Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; (...)

Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos; (...) E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna.” (Mateus 25:31-46)

Como é diferente a linguagem e as referências que são feitas à vinda do nosso Senhor para a Sua Igreja – O Corpo de Cristo. E quanta confusão seria evitada se a verdade do arrebatamento do “Corpo de Cristo” para o encontro com a sua Cabeça, fosse reconhecido ser o que é: um segredo divino primeiramente revelado a Paulo, que é a Igreja desta presente Dispensação - o Corpo de Cristo.

Na verdade, foi esta a base para o seu apelo aos Tessalonissenses, para que estes não se “movessem”, nem se “perturbassem” por aqueles que queriam fazê-los pensar que o Dia do Senhor estava presente. Ele também tinha-lhes falado acerca “destas coisas” quando ainda estava com eles (II Tes. 2:5). E é nesta mesma base que exorto o leitor a não se mover facilmente destas verdades essenciais, pois elas determinarão a qualidade da sua comunhão com o Senhor, e o nível do gozo das coisas espirituais.

O Senhor nos ajude a glorificá-lo incessantemente.

## 2.

### As Dez Virgens...

***“Mas, à meia noite ouviu-se um clamor:***

***Aí vem o Esposo. Sai-lhe ao encontro.***  
(...)

***Vigiai, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do Homem há-de vir”***  
(25:1-13)

A parábola das dez virgens, em Mateus 25:1-13, é uma passagem que muitos ensinadores da Bíblia têm associado ao arrebatamento da Igreja “Corpo de Cristo”. Têm, assim, inconscientemente promovido e fomentado tanto a Teoria do Pós-Tribulacionismo, como a Teoria do “Arrebatamento Parcial”, pois, de acordo com esta parábola, só os que estão preparados é que entram nas Bodas.

As cinco virgens sábias ou prudentes são geralmente tidas como representando os salvos (que têm o Espírito Santo, representado pelo azeite), e as cinco virgens loucas, os perdidos (os que não têm azeite). Eles ensinam, assim, que os salvos irão ficar com Cristo “quando o Filho do Homem vier” (no arrebatamento), e os perdidos não. Vários livros, entre eles o “Clamor da Meia Noite”, têm sido escritos para exporem esta interpretação. Na verdade, este escritor ficou admirado de até o Dr. Arno C. Gaebelien, depois de ter insistido que Mateus 24:40 e 41 apenas se pode referir ao retorno do Senhor à terra após a Grande Tribulação, afirmar que esta passagem se refere ao arrebatamento da Igreja antes da Tribulação (Ver: “Gospel of Mathew”).

Contudo, esta interpretação viola de novo o contexto.

A narrativa das dez virgens diz respeito ao “Reino dos Céus” (vers. 1), e tanto as Escrituras do Velho Testamento como do Novo Testamento são claras em relacionar o “Reino dos Céus” (não “nos céus”) ao Reino do Senhor estabelecido na terra (Daniel 2:44; Mateus 4:17; 5:5; 6:10; Lucas 2:14). Isto, só por si, indica que a parábola nada tem a ver com o arrebatamento da Igreja “Corpo de Cristo” para o céu.



Mais, nesta passagem o “Esposo” vai ao seu casamento (vers. 10). Ou seja, é como as Escrituras proféticas descrevem o jubiloso Milénio, quando a remida nação de Israel se unir a Cristo após a sua conversão nacional, no fim da Grande Tribulação.

E as Virgens? Quem são? Decerto que não são a Noiva, mas as “Damas de Honor”. O que apontam ser os Gentios salvos que participarão na alegre festa Milenial (Romanos 15:8-10). E o contexto aponta para isso. O Senhor diz que os cordeiros e os bodes serão separadas e julgados segundo o tratamento que tiveram para com a Nação de Israel (31-46)

Mais, ainda: como é que as virgens prudentes levam um suprimento adicional de azeite nas suas vasilhas, com as suas lâmpadas, enquanto que acerca das loucas se diz que vão comprar azeite para si? (vers. 4,9) Embora seja verdade que o azeite, nas Escrituras Sagradas, simbolize o Espírito Santo, poderá o azeite referir-se aqui ao Espírito Santo no crente? E será que Ele pode ser comprado?

Que disse Pedro sobre isso em Actos 8:17-25? O azeite pode significar uma multiplicidade de coisas; no entanto, nós cremos que o azeite se refere à bênção da salvação, no quadro da Revelação Profética, onde era exigido obras de fé para o efeito. Veja-se o caso de Abel, Abraão, Raabe, Davi, entre outros exemplos. E, o facto das suas lâmpadas não terem dado luz, que é como dizer que não tinham as obras da salvação, deixaram de entrar nas Bodas, e assim, no Reino. Em qualquer caso, esta parte da parábola não se pode aplicar aos crentes da presente Dispensação da Graça.

Também, nesta parábola, só os que estão “prontos” é que podem entrar nas Bodas. Então, como se pode referir isto ao arrebatamento da Igreja, cuja ocorrência ninguém estará a contar? Esse dia vai ser

uma surpresa para muitos crentes. E só por isso vão ficar para a Grande Tribulação? Não. Indubitavelmente não.

O último versículo atesta mais a compreensão que temos vindo a seguir. O texto refere-se à “Vinda do Filho do Homem” (vers. 13).

Nas profecias respeitantes ao Reino Milenial o Senhor é referido muitas vezes como “o Filho do Homem”. Na verdade, os quatro registos do seu ministério terreno apresentam-no a usar este título em relação a Si próprio sessenta e nove vezes. Por via do contraste, como Cabeça ressuscitado e glorificado da Igreja, que é o seu Corpo, Ele não usa este título nem sequer uma única vez. Nas Epístolas de Paulo o Senhor não é denominado “Filho do Homem” uma vez sequer, ainda que o termo apareça em Hebreus 2:6, correspondente a um “Filho”, respeitante à descendência da humanidade em geral.

A exortação à “vigilância”, em relação à vinda do “Filho do Homem” no versículo 13, merece especial atenção. Certamente que os discípulos do Messias não vigiariam então pelo seu retorno, enquanto Ele ainda estivesse com eles. É evidente que eles vigiariam quando se tornasse patente que o Seu retorno à terra estivesse próximo. A proximidade do Seu retorno seria anunciada por sinais específicos e dramáticos (Lucas 21:25), e então eles começariam a vigiar, não sabendo apenas em que dia ou hora Ele apareceria. Assim, Lucas 21:28 diz:

***“Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima.”***

Também era a esse momento específico que o Senhor se referia, quando disse:

***“Porém, daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas unicamente o Pai”*** (Mateus 24:36).

Por via do contraste, nós, agora, membros do “Corpo de Cristo”, aguardámo-lo a qualquer momento. Não nos é dado nenhum sinal específico para nos alertar da proximidade da sua vinda, pois se devemos esperar que apareça algum sinal antes que Ele venha, então a Sua vinda para nós não pode ser iminente, e nós não devemos esperá-lo ou aguardá-lo agora.

O Apóstolo Paulo tornou isto inconfundivelmente claro quando escreveu em I Tessalonissenses 1:9-10, dizendo que os crentes Tessalonissenses, tendo vivido há mais de 1900 anos, “dos ídolos se tinham convertido a Deus, para servir o Deus vivo e verdadeiro, e a esperar dos céus a Jesus, que nos livra da ira futura...”. E quando escreveu aos Coríntios, disse que “nem todos dormiremos” (I Cor. 15:51). E, ainda, aos Tessalonissenses, que, “nós os que ficarmos vivos, seremos arrebatados” (I Tes. 4:17). É claro que Paulo não imaginava que Deus prorrogasse o Dia da Graça por mais de dezanove séculos, esperando o arrependimento dos pecadores até este preciso momento.

Assim, no contexto de Mateus 24 e 25, o Senhor insta com os seus discípulos a vigiarem pelo seu retorno, quando os sinais da sua vinda começarem a acontecer. Contudo, a nós, membros do “Corpo de Cristo”, Ele não nos dá um único sinal que enuncie a Sua vinda para nós. É apenas no Seu grande amor e misericórdia que Ele faz perpetuar por tempo indeterminado o Dia da Sua Graça, esperando que almas se arrependam, antes de dar início ao Dia da Sua Ira, que havia ficado por iniciar com a introdução desta Dispensação. Por conseguinte, nós devemos esperá-lo, mesmo enquanto o “servimos” (I Tes. 1:9-10).

### 3.

#### A Casa do Pai...

**“Não se turve o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim.**

**Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, Eu vo-lo teria dito; vou preparar-vos lugar.**

**E, se Eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que, onde Eu estiver, estejais vós também.”**

JOÃO 14:1-3

Um grande número de crentes sinceros são muito sensíveis a esta passagem sagrada, pois uma grande dose de sentimento não Bíblico tem sido associado a ela desde há muito. E questionar a validade do ponto de vista tradicional significará o despertar inevitável de reacções emocionais. Assim, antes de discutirmos a passagem em si, consideremos alguns factos básicos que nos conduzem à sua interpretação. Esperamos que os leitores, ao procurarem verdadeiramente luz sobre a verdade do arrebatamento, abram sinceramente os seus corações para o que Deus diz acerca disso.

João 14:1-3 tem sido amplamente interpretado como significando que o Senhor ascendido ao céu, se encontra agora lá a preparar mansões para o Seu povo habitar, e que, quando essas mansões estiverem prontas Ele retornará para arrebatá-la sua Igreja, levando os seus para aquelas habitações.

Depois, confunde-se este texto com o que Paulo diz em II Coríntios 5:1, quando diz: **“Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna nos céus”.**

Ora, quando o Apóstolo Paulo diz que temos de Deus um edifício, em contraste com o tabernáculo do nosso corpo, quer destrinçar o corpo débil que hoje temos, com o “corpo glorioso” que teremos depois

do arrebatamento” (Fil. 3:20-21). Enquanto que as “moradas” referidas nesta passagem reporta-se à vida providenciada por Deus no Milénio.

Lembramos, neste momento, o que dissemos antes nas Proposições: Os que interpretam o versículo 3 desta passagem como se referindo ao arrebatamento na Igreja “Corpo de Cristo”, têm-se, evidentemente, esquecido, ou nunca souberam, que o arrebatamento do “Corpo de Cristo” era um mistério revelado a Paulo, e foi por intermédio dele que ele se tornou conhecido na Igreja (I Cor. 15:51-52; I Tes. 4:15). O Senhor nunca disse nada aos seus discípulos acerca da Dispensação da Graça, ou do arrebatamento da Igreja desta Dispensação. Ele preparou-os para a Grande Tribulação e o seu subsequente retorno à terra para reinar com eles.

Alguns argumentam que, uma vez que João escreveu o seu Evangelho depois de Paulo, que tinha já conhecimento do arrebatamento da Igreja, e que escreve em função disso. Porém, este argumento não é válido, pois esta passagem de João 14 regista simplesmente as Palavras do nosso Senhor Jesus Cristo aos seus Apóstolos aquando ainda aqui na terra desempenhava o seu ministério. Pois as Palavras do Senhor não seriam condicionadas com o tempo, ou alterado o seu sentido em função de novas revelações: o que era verdade ontem deixaria de o ser amanhã?

Se crêssemos, como muitos crentes crêem, que a Igreja desta Dispensação, o “Corpo de Cristo” teve o seu começo com Cristo na terra e com os doze Apóstolos, não poderíamos encontrar qualquer justificação para a doutrina do arrebatamento iminente. Esta bendita doutrina assenta exactamente no ministério revelado a Paulo mais tarde.

O Senhor prometeu aos seus discípulos um reino na terra, não um lar no céu. Nem

os santos, antes daquele tempo esperavam ir para o céu. Investiguemos as Escrituras e vejamos. Esta é uma esperança reservada para os membros do Corpo de Cristo (Col. 1:5-6).

Este facto Bíblico é simples, mas apesar disso milhares de crentes necessitam de o aprender. Investiguemos os Profetas ou os registos dos Evangelhos, na tentativa de encontrar qualquer indicação de que os crentes daqueles dias tinham uma esperança celestial e esse esforço será vão. Foram-lhes prometidas as bênçãos dos céus, no Reino Milenial, que será o Reino dos Céus a ser estabelecido na terra (Jer. 23:5; Mat. 5:5; 6:10; 19:28). Na verdade, foram instados a colocarem os seus tesouros nos céus, a confiarem no Pai que está no céu, e esperarem o Espírito Santo do céu (Mat. 6:20, 30-33; Luc. 24:49). Ele até prometeu ir ao céu **“receber para Si um reino”** e voltar (Luc. 19:12). Mas, nunca prometeu que eles, os seus seguidores judaizantes, seriam arrebatados para o céu, para estarem com Ele. Pelo contrário, Ele prometeu voltar à terra para estar com eles (Joa. 14:28), e, assim, com eles reinar (Mat. 19:28; Joa. 14:3). O Senhor, ao ter ido **“receber para Si um Reino”** (como os magistrados Romanos iam a Roma receber os seus “reinos” de César Augusto), Ele voltaria – voltará – e cumpriria – cumprirá – as Suas promessas de Mateus 19:28 e 25:14-23, dando aos seus discípulos, e especialmente aos seus Apóstolos, uma participação activa no Reino.

Com tudo isto em mente, agora, consideremos os detalhes de João 14:1-3.

### **“Na casa de meu Pai...”**

Esta referência à casa do Pai não é ao céu. Neste Evangelho a referência é feita sempre ao Templo em Jerusalém (2:16-17), que era um tipo do verdadeiro Templo, e que estará construído no Reino Milenial

(Isa. 56:7; Eze. 44:7). O próprio Senhor disse que, **“Ao que vencer, Eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele nunca sairá...”** (Apo. 3:12).

Esta é uma referência ao Templo Milenial.

É verdade que o Templo terreno não passava de uma figura do verdadeiro (Heb. 9:24), mas em Hebreus, Paulo, escreve aos **“participantes da vocação celestial”** (3:1), enquanto que os seguidores do Senhor na terra tinham uma vocação e orientação terrenas.

As “moradas” (gr. “Abodes”), do versículo 2 são simples residências, pois nas muitas paredes do templo eram construídas as residências dos que ministravam lá (I Rei. 6:5; Eze. 40:44-46).

As palavras do Senhor: **“Se não fosse assim, Eu vo-lo teria dito”**, são muito significativas aqui, pois implicam que eles teriam razão para esperar que tais residências haveriam de ser providenciadas. Certamente que eles não tinham qualquer motivo para esperarem a preparação de “moradas” para seu uso no céu. Uma tal provisão nunca fora insinuada. Mas serviriam com Ele na terra como “príncipes e sacerdotes, para Deus e seu Pai” (Apo. 1:6).

### **“Vou preparar-vos lugar...”**

Esta frase tem uma conotação mais moral e espiritual que física.

**O Senhor iria “receber para Si um Reino, e voltar” (Luc. 19:11-12), e no qual iria providenciar um lugar para cada um dos seus seguidores (16-19, conforme Mat. 19:28).**

É importante, ainda, observar que João 14:3 nada diz acerca dos santos serem arrebatados. Pelo contrário, O Senhor diz aos seus Apóstolos: **“Se Eu for e vos preparar lugar, virei outra**

**vez, e vos levarei para mim mesmo, para que, onde Eu estiver estejais vós também.”**

Não podemos divorciar esta passagem de Actos 1:11, onde o Anjo diz a estes mesmos Apóstolos, quando eles olhavam para o céu, vendo o Senhor subir: **“Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há-de vir, assim como para o céu o vistes ir”**.

Tanto em João 14 como em Actos 1, o tema é a partida e a volta do Senhor. E esta volta está de acordo com a profecia, pois Ele voltará à terra (Zac. 14:4), onde colocará os seus pés no Monte das Oliveiras, que é o mesmo lugar donde Ele ascendeu (Act. 4:12).

**“Vou preparar-vos lugar...”** Não se refere ao céu, mas à obra que Ele iria realizar na cruz do calvário. Ali é que o lugar dos crentes foi preparado por Ele para que eles, e todos, vivam em comunhão com O Senhor.

Estas moradas não são físicas. Aquilo que é visível, mas de natureza espiritual, já está preparado por Deus, desde a fundação do mundo (Luc. 1:70; Act. 3:21), e que já Abraão esperava, da qual o construtor e arquitecto é Deus (Heb. 11:10,14).

### **“Virei outra vez e vos levarei para mim mesmo...”**

Estas palavras parecem ser as que mais controvérsia podem trazer. Será que o Senhor está a dizer que os iria tomar para os levar para o céu? Não, de modo algum. O Senhor tinha-lhes prometido: **“Não temas pequeno rebanho, porque a vosso Pai agradeu dar-vos o Reino...”** (Luc. 12:32). E aos seus Apóstolos tinha-lhes dito: **“Vós**

**que me seguistes, quando na regeneração, o Filho do Homem se assentar no Trono da sua glória, também vós vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel”** (Mat. 19:28).

Como é que poderia o Senhor ter preparado intensamente os seus discípulos para a Grande Tribulação, e para o seu retorno à terra para reinar, e por outro lado, também ter prometido vir para tomá-los da terra para o céu, a fim de estarem com Ele?

As palavras referem-se ao lugar que os crentes terão no Reino Milenial: é um lugar perto do Senhor. É a mesma expressão que O Senhor, terá naquele dia: **“Vinde, benditos de meu Pai, possuí em herança o Reino que vos está preparado, desde a fundação do mundo”** (Mat. 25:34); e,

**“Mas, os justos, resplandecerão como o sol, no Reino do Seu Pai.”** (Mat. 13:43).

#### 4.

#### **Olhando para o Céu...**

**“E, estando com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles se puseram dois homens vestidos de branco.**

**Os quais lhes disseram: Homens galileus, por que estais olhando para o céu?**

**Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir.”** (Actos 1:10-11)

Mas porque é que os onze apóstolos não deviam estar a olhar para o céu? O seu bendito Senhor não tinha acabado de ascender para lá? Seria estranho que, após o Seu desaparecimento da sua vista, eles ainda continuassem ali, com as suas faces semelhantemente aos corações, voltados para cima?

E porque é que os anjos atraíram a atenção deles para a terra, como que para assegurar-lhes que este mesmo Jesus viria do mesmo modo que tinha partido? E, notemos cuidadosamente: depois dos anjos lhes terem falado, eles **“voltaram... para Jerusalém”** (Vers. 12).

Nós cremos que a resposta a estas perguntas jaz na distinção entre a Revelação de Jesus Cristo para reinar na terra e a revelação do arrebatamento da Igreja para o céu, no término desta Dispensação.

A questão dos anjos deveria lembrar-nos pela via do contraste do que Paulo escreveu mais tarde aos crentes Filipenses, a respeito do Corpo de Cristo:

**“Mas a nossa cidade está nos céus, de onde esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo”** (3:20).

Já demos provas suficientes neste artigo que o Reino do Messias seria – e será – estabelecido na terra. Também vimos que aos Apóstolos foi-lhes prometido um lugar especial com Cristo no Seu Reino.

Não é, então, de admirar que os Apóstolos no monte das Oliveiras

tivessem formulado uma questão – o significado da qual tem sido quase completamente perdido pela maioria dos teólogos:

**“Senhor, restaurarás Tu neste tempo o Reino a Israel?”** (Actos. 1:6).

Também não é de admirar, seguindo a mesma linha de pensamento, que os varões perguntassem aos mesmos Apóstolos: “Porque estais a olhar para o céu?”

A atenção deles necessitava de ser atraída para a terra, como aliás foi. A obra deles era na terra. A gloriosa esperança deles situava-se na terra. A expectativa ávida deles era reinar com Cristo na terra.

Notemos bem, os anjos prometeram que “esse Jesus” haveria de “vir assim como” eles o tinham visto ir. Nós repetimos então a questão: será que eles teriam querido dizer que Ele viria a algum outro lugar, como aos “ares”? (I Tes. 4:17) É evidente que eles queriam dizer que Ele viria de novo ao mesmo lugar, isto é, à terra. Assim, conforme o profeta Zacarias declarou, “naquele dia os seus pés estarão no monte das Oliveiras. Certificados, assim, pelos anjos acerca do retorno do Senhor à terra, os onze Apóstolos voltaram para Jerusalém, onde tinham instrução para “esperar” a vinda prometida do Espírito Santo (Act. 1:4, 12).

## Os Sinais dos Tempos

Mas, porque é que os anjos fizeram sentir aos Apóstolos e demais discípulos que eles não necessitavam de olhar para cima nesta altura? A resposta agora deveria ser clara para nós, pois, como temos visto, O Senhor tinha-os informado dos sinais que anunciariam a proximidade da Sua vinda. Quando esses sinais começassem a aparecer, então sim, eles deveriam começar a esperá-lo. Antes que esses sinais aparecessem, Ele não poderia vir (Lucas 21:25-28).

Actos 1:11, então, é fácil de ser explicado à luz da chamada e esperança de Israel, mas decerto que não será facilmente explicado se, como alguns ensinam, se se referisse ao arrebatamento do “Corpo de Cristo” para o céu.

### O Corpo de Cristo

Foi depois de Israel ter rejeitado a oferta do Reino Messiânico que Deus, em Graça, interrompeu o Programa Profético, reputando todos à incredulidade, **“para que Ele pudesse revelar a todos a Sua Misericórdia”** (Rom. 11:32)

**“E pela cruz reconciliar ambos (crentes Judeus e Gentios) com Deus em um Corpo, matando com ela as inimizades”** (Efé. 2:16).

É a este “Um Corpo”, a Igreja da presente Dispensação da Graça, que Deus tem dado a promessa do arrebatamento; É a vinda da

Cristo para arrebatá-los, antes que sobre o mundo que rejeita Cristo estale o terrível dia da Sua Ira. É a nós que o Apóstolo Paulo escreve acerca da Sua vinda à atmosfera acima de nós, na qual todos os crentes serão “arrebatados... a encontrar o Senhor nos ares” (I Tes. 4:16-17).

Nós não esperamos que o Senhor venha “assim como” os onze Apóstolos O virão subir ao céu. Na ascensão “a nuvem O recebeu ocultando-o aos seus olhos”. (Esta nuvem não era uma nuvem natural, mas a nuvem da glória de Deus, chamada pelos hebreus de “Shekinah”). Eles não poderiam ter contemplado a glória que mais tarde cegou Saulo – uma luz que ao meio dia excedia o resplendor do sol (Actos 26:13). Paulo diz-nos assim:

**“Assim que daqui por diante a ninguém conhecemos segundo a carne, e, ainda que também tenhamos conhecido a Cristo segundo a carne, contudo, agora, já não O conhecemos desse modo”** (II Cor. 5:16).

A nossa chamada e esperança são celestiais. Na verdade, até mesmo já agora desfrutamos duma posição celestial (Efé. 2:16), e de bênçãos espirituais e celestiais (Efé. 1:3), e um dia seremos “transformados” (I Cor. 15:51), e “glorificados” (Fil. 3:20-21), de tal forma que podemos habitar já na

presença do Senhor exaltado e participar da sua glória.

Os onze foram colocados aparte quando “uma nuvem O recebeu ocultando-o a seus olhos”, mas nós, membros do “Corpo de Cristo”, seremos arrebatados nas nuvens a encontrar O Senhor nos ares” e assim estaremos sempre com Ele (I Tes. 4:17). Como agradeceremos a Deus pela “esperança que está reservada nos céus para nós”? (Col 1:5).

### **Olhando para cima**

Que confusão resulta do uso de textos sagrados dos quatro evangelhos e dos Actos dos Apóstolos para provar o iminente arrebatamento Pré-Tribulacionista da Igreja “Corpo de Cristo”!

Desde os dias de Paulo que a vinda de Cristo para recolher os Seus embaixadores, antes da declaração de guerra a este mundo ímpio tem sido iminente. Assim, como este Apóstolo esperava que O Senhor viesse nos seus dias, ele também instou com os crentes para que remissem **“o tempo, porque os dias são maus”** (Efé. 5:16), e escreveu aos Coríntios: **“Agora é o tempo aceitável. Agora é o dia da Salvação”** (II Cor. 6:2).

Assim, e para terminar, comparemos o “porque estais olhando para o céu?”, dos anjos, com as palavras de Paulo, inspiradas pelo Espírito Santo, para nós, membros do “Corpo de Cristo”:

**“... E dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir o Deus vivo e verdadeiro, e esperar dos céus a Seu Filho...”** (I Tes. 1:9-10);

**“Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, O Senhor Jesus Cristo”** (Fil. 3:20-21);

**“Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da gloria do Grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo”** (Tito 2:13).

Se dividirmos bem a Palavra da Verdade, reconheceremos plenamente que a verdade do arrebatamento é um segredo que foi revelado a Paulo, e não seremos iludidos (nem temeremos), com a ideia de podermos ser chamados a suportar os horrores do tempo da ira de Deus, mas teremos a certeza absoluta de que Ele virá primeiro para nós, a fim de nos tomar para Si.

**«Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a**

**aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nós, para que quer vigiemos, quer durmamos, vivamos juntamente com Ele»** (I Tes. 5:9-10).

Nós podemos, pois, olhar para cima!

**Textos:** Rom. 8:18-19; I Cor. 1:7-8; Efé. 4:30; 5:27; Fil. 1:10; 3:20-21; Col. 1:5, 27; I Tes. 1:9-10; 4:13-18; 5:9; II Tes. 2:13; I Tím. 4:1-5; II Tes. 3:1-5; 4:8; Tit. 2:13; II Ped. 3:1-18.

Adaptado por VPP, Setembro 1999

**Colaboradores:**

PDF, ASC, SL, OOV, CB e outros.

© **Copyrights:** Não há. Os artigos não assinados são da autoria da redacção (E). Reprodução é permitida, desde que seja citada a fonte.

Todos os artigos são da responsabilidade da “Igreja” que se reúne em Oleiros.

**Redactor:**

Vítor Pereira do Paço  
Correspondência a enviar para:

**Eclesi'Astes**

Apartado 135

**4501 Anta ESPINHO Codex**

Procure-nos na Internet:

[www.eclesiastes.pt](http://www.eclesiastes.pt)

**Net-endereço:**

[Eclesiastes@eclesiastes.pt](mailto:Eclesiastes@eclesiastes.pt)